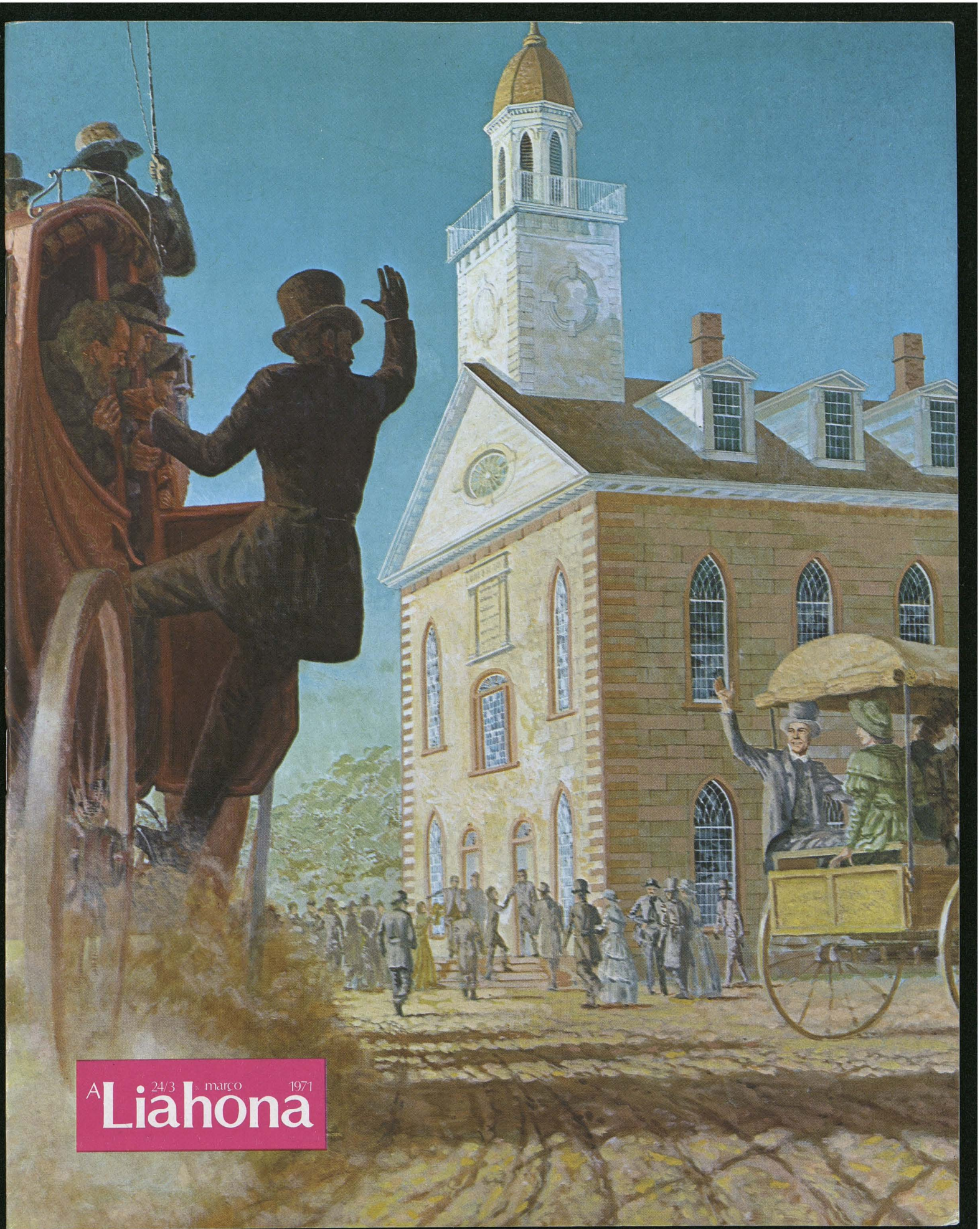
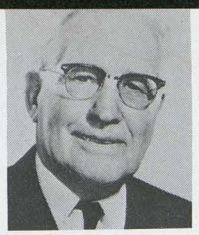


A Liahona 24/3 março 1971



Mensagem de Inspiração

Hugh B. Brown

do Conselho dos Doze

Sòmente a fé religiosa tem sido capaz de proteger o homem contra o desespêro. Como disse Jesus: Caem as chuvas, e correm os rios, e assopram os ventos, esteja a casa do homem edificada sôbre rocha ou areia. (Veja Mateus 7:25, 27) É a fé que constitui a diferença.

Gostaria de contar-lhes uma história ocorrida na I Guerra Mundial. Naquela época, tive um companheiro, oficial como eu, homem muito abastado e culto. Era advogado de renome, auto-suficiente e costumava dizer, sempre que falávamos de religião (pois sabia quem eu era): "Nesta vida, não há nada que eu não possa comprar com meu dinheiro, se assim me aprouver."

Pouco tempo depois, êle, eu e mais dois oficiais fomos designados para ir à cidade sitiada de Arras, na França. Ela fôra evacuada e, ao lá chegarmos, achávamos que estivesse completamente deserta. Quando entramos na catedral, encontramos uma frágil senhora ajoelhada junto a um dos altares. Estacamos, em respeito à sua devoção. Minutos depois, ela levantou-se e, após achegar o xale em tôrno dos delicados ombros, aproximou-se em passadas vacilantes pelo espaço entre os bancos. Aquêle de nós que melhor dominava o francês, perguntou-lhe: "— A senhora tem algum problema?"

Endireitando os ombros, de queixo erguido, respondeu: "— Não, não estou em dificuldades. Eu as possuía, quando cheguei aqui, mas deixei-as lá, junto ao altar."

"— Do que se tratava?

"— Hoje pela manhã, tive notícia de que meu quinto fliho deu sua vida pela França. Primeiro, foi o pai e depois, um por um, todos êles se foram. Mas, — novamente aprumada, — não estou em dificuldades; desfiz-me delas lá no altar, porque acredito na imortalidade da alma. Creio que o homem viverá após a morte. Sei que, um dia, voltarei a encontrar-me com meus entes queridos."

Quando aquela pequena senhora nos deixou, havia lágrimas nos olhos de todos e o companheiro que alegara poder comprar qualquer coisa com seu dinheiro, voltou-se para mim e disse:

"— Você e eu temos visto admiráveis demonstrações de coragem e valor nos campos de batalha, mas, em tôda a minha vida, jamais vi algo que se compare à fé, valor e coragem desta mulher."

Depois, acrescentou: "— Daria tudo o que tenho para obter um pouco do que ela possui.

A fé religiosa nos dá a certeza de que as tragédias humanas não são um jôgo sem sentido das fôrças físicas. A vida não é uma "piada de mau-gôsto", como a chamou Voltaire, mas sim, uma escola de disciplina, cujo autor e mestre é Deus.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Hugh B. Brown 2
Aplique os Programas da Igreja. Pres. Joseph Fielding Smith 3
Nova Visita a Kirtland. Dr. G. Gale Weight e
Nova Visita a Kirtland. Dr. G. Gale Weight e Dr. Earl M. Mortensen 5
Antigos Desembarques na América. John Lear 9
Os Fenícios. Dr. Ross T. Christensen 13
Fantoches Manuais. Marian Miner 17
A Marca de Neb. Rosalie W. Doss 19
Como a Igreja os Auxilia... Bispo John H. Vandenberg 21
Se Realmente Me Amasse... 23
O Problema do Mal. William E. Berrett 24
O Hospital Infantil da Primária... Bernell W. Berrett 29
Notícias da Igreja no Brasil. 32
Resisti e guardai-vos... Richard L. Evans 40

Capa

A encantadora e pitoresca aldeia de Kirtland, Ohio, é desconhecida pela maioria dos americanos; entretanto, representa um grande marco na história dos santos dos últimos dias. Durante cêrca de seis anos — 1831 a 1837 — lá estiveram sediados o Profeta de Deus, Joseph Smith, Jr. e a Igreja restaurada, sendo ali recebidas 35 revelações constantes do atual Doutrina & Convênios. Em uma dessas revelações, foi ordenado aos santos que erigissem um templo ao Senhor. (D&C 95:8, 11-17)

A ilustração da capa dêste número é de autoria de Douglas Johnson, um dos diretores do Departamento Cinematográfico da Universidade de Brigham Young. Quanto ao assunto relacionado, veja-se o artigo "Nova visita a Kirtland", na pág. 5.

A Liahona 24/3 março 1971

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Correspondente
Estevam Giagnório

Estaca São Paulo Sul
R. Catequese, 432, Santo André, SP

Correspondente
Armando Jekabson

Missão Brasil Central
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Correspondente
Michael Debuty, James Wilson

Missão Brasil Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

Correspondente
Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Correspondente
Michael A. Hutchings

Construção Geral no Brasil
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Correspondente
Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

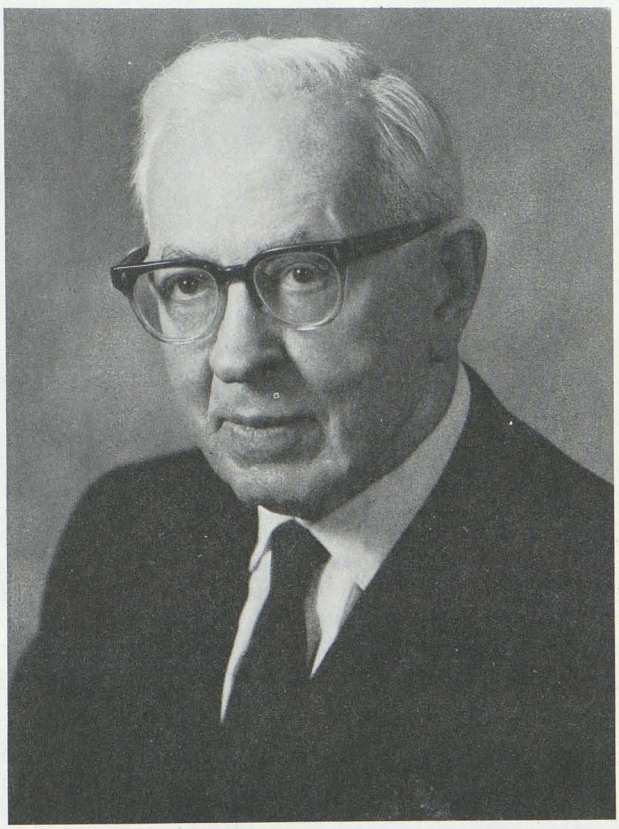
A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações expontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,00; exemplar atrasado: Cr$ 1,20. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Aplique os Programas da Igreja

Presidente Joseph Fielding Smith



O Senhor nos deu uma organização perfeita da Igreja. Dispomos de todo o necessário para nos mantermos na senda da verdade e da retidão. Se seguirmos o rumo demarcado, levaremos uma vida feliz e honrada neste mundo, e depois, no vindouro, seremos herdeiros daquela plenitude de recompensa, encontrada tão sòmente no reino celestial.

Falando da organização da Igreja, disse Paulo: "... a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutôres, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas." (I Cor. 12:28)

Em outras palavras, na sua Igreja, o Senhor estabeleceu uma organização do Sacerdócio encabeçada por apóstolos e profetas. Providenciou ainda outras organizações chamadas "socorros" e "governos", destinadas a auxiliar e assistir os trabalhos do Sacerdócio.

Em tôda dispensação do Evangelho, existem necessidades especiais a serem preenchidas, problemas para resolver, e ajuda a prestar aos membros da Igreja no seu empenho de alcançarem a salvação" com temor e tremor" diante de Cristo. (Veja-se Filipenses 2:12) Por isso, temos organizações auxiliares, para ajudar e assistir o Sacerdócio. São estabelecidas de modo que preencham as necessidades do povo, sejam quais forem as condições sociais existentes. São parte do govêrno de Deus, e constituídas para que os membros da Igreja possam aperfeiçoar sua vida e fazer o que lhes asse-

gure alegria e felicidade nesta existência, e vida eterna no mundo vindouro.

Agindo sob a inspiração dos céus, o Presidente Brigham Young, por exemplo, lançou os alicerces das Associações de Melhoramentos Mútuos. Conclamou a juventude da Igreja à moderação, a voltar aos princípios básicos, a superar o mundo e guardar os mandamentos de Deus. Aos líderes chamados a trabalhar com os jovens, disse: "Que a tônica do vosso trabalho seja estabelecer nos jovens o testemunho individual da veracidade e magnitude da grande obra dos últimos dias e o desenvolvimento dos dons que foram agraciados."

As grandes bênçãos espirituais do Evangelho são administradas através das organizações do Sacerdócio. A suprema bênção da vida é receber a plenitude do Sacerdócio na casa do Senhor.

A jornada, porém, necessita de muitas ajudas e grande encorajamento. Há imensas influências refinadoras, inúmeras coisas que aumentam a fé e multiplicam o testemunho, muitas coisas que instilam em nosso coração o anseio de integridade — tudo isso nos ajuda a promover os talentos recebidos de Deus.

A principal responsabilidade de fazer as coisas que conduzem à salvação cabe ao indivíduo em particular. Todos nós fomos colocados na terra para nos submetermos às provas experimentais da mortalidade. Estamos aqui para verificar se guardamos os mandamentos e sobrepujamos o mundo, e é emprescindível que façamos o possível por nós próprios.

Em segundo lugar, vem a responsabilidade da família por nossa salvação. Aos pais, cabe ser o reflexo e guia para os filhos, sendo-lhes ordenado que os criem em luz e verdade, ensinem o Evangelho e lhes dêem o devido exemplo. Dos filhos, espera-se que obedeçam aos pais, honrando e respeitando-os.

A Igreja e seus órgãos formam de fato uma organização de assistência para ajudar a família e o indivíduo. Aos bispos, mestres familiares e líderes do Sacerdócio, cabe guiar aquêles pelos quais são responsáveis, para a vida eterna no reino de nosso Pai; as organizações auxiliares são designadas a ajudar e assistir esta grande obra de salvação.

Não é possível acentuar demais a grande necessidade de nos utilizarmos de todos êsses programas, para benefício e bênção de todos os filhos de nosso Pai.

Suplico à jovem e nascente geração que aceite os conselhos e diretrizes de seus líderes e procure a integridade de todo o coração.

Se todos nós fizermos tudo o que devemos para a promoção dos programas da Igreja, o Senhor nos abençoará e favorecerá tão abundantemente, que nosso trabalho logrará sucesso, cabendo-nos ainda plena paz e alegria nesta vida, e glória eterna no porvir.

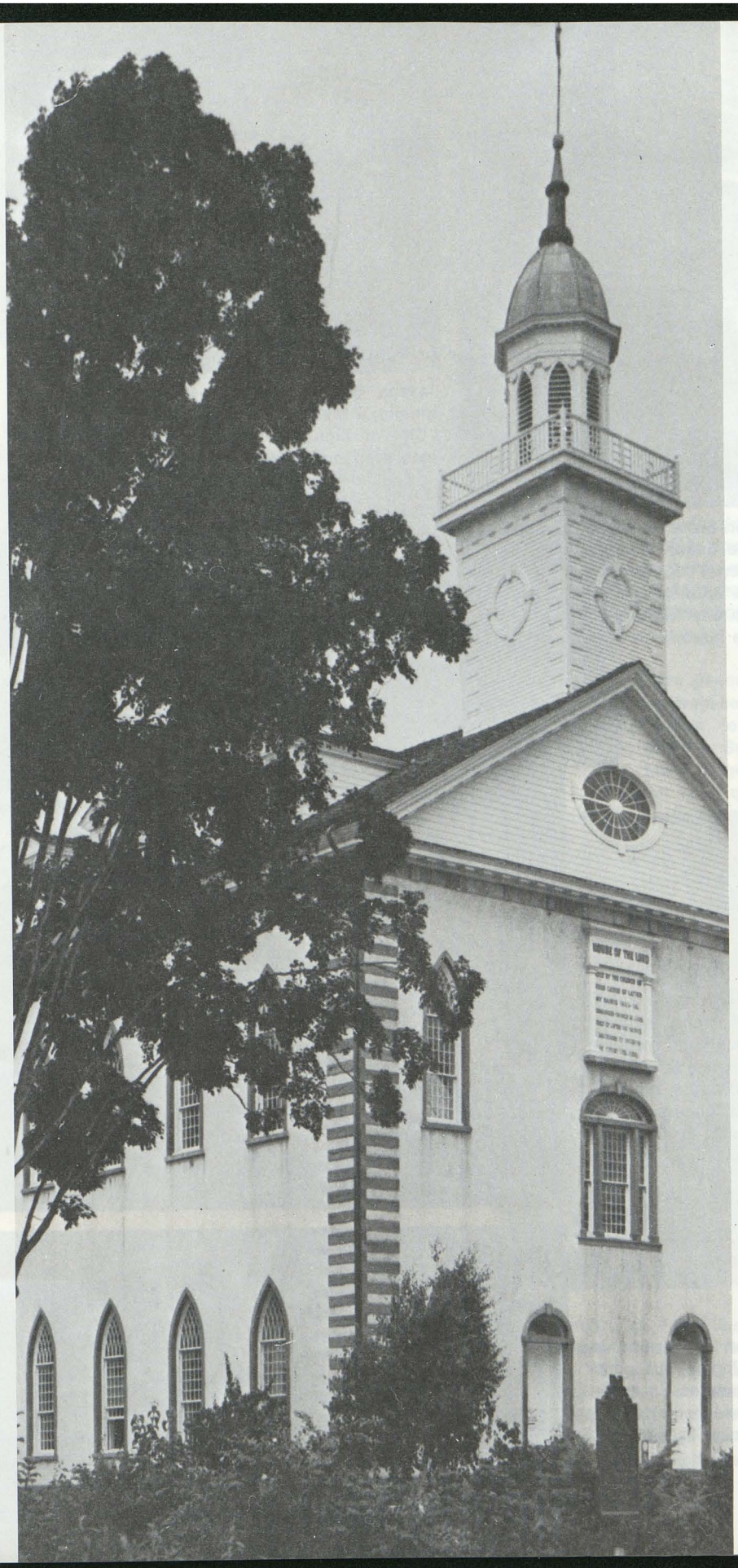
Aos jovens de Sião, estejam onde estiverem, e ao mundo inteiro, presto meu testemunho da veracidade e divindade dêste grande trabalho dos últimos dias.

Que todos os homens saibam, sem sombra de dúvida, que estamos de posse da verdade, e que o Senhor realmente revelou nestes últimos dias — principalmente através do Profeta Joseph Smith — a plenitude do Evangelho eterno.

Êste testemunho vem à nossa alma pela manifestação do Santo Espírito, pelos sussurros da voz suave e mansa.

Eu sei, pelo poder do Espírito Santo, que Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Salvador do mundo; que Joseph Smith foi um profeta de Deus, chamado pelo Todo-poderoso para restaurar na terra, pela última vez, as verdades salvadoras do seu Evangelho; e que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é literalmente o reino de Deus na terra, o único lugar onde as verdades de salvação podem ser encontradas, o único lugar onde o homem pode obter o santo sacerdote do Senhor e ser selado para a vida eterna.

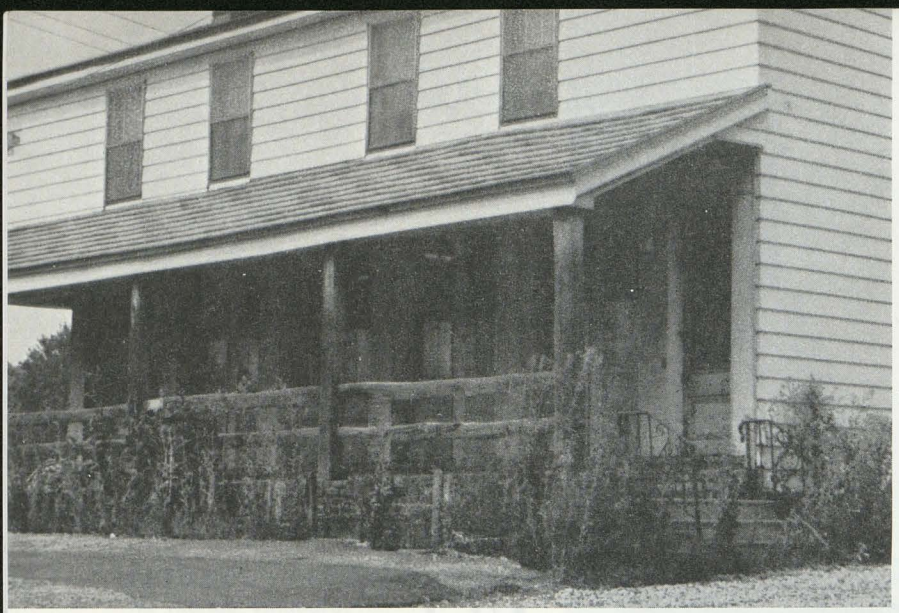
Oro que o espírito de testemunho sobeje no coração dos santos dos últimos dias; que todos nós sejamos valorosos em testificar; e que, juntos, possamos assentar-nos no reino de nosso Pai.



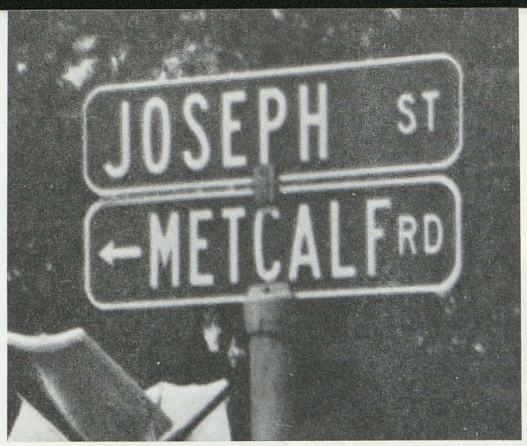
Nova Visita a Kirtland

Dr. G. Gale Weight e
Dr. Earl M. Mortensen

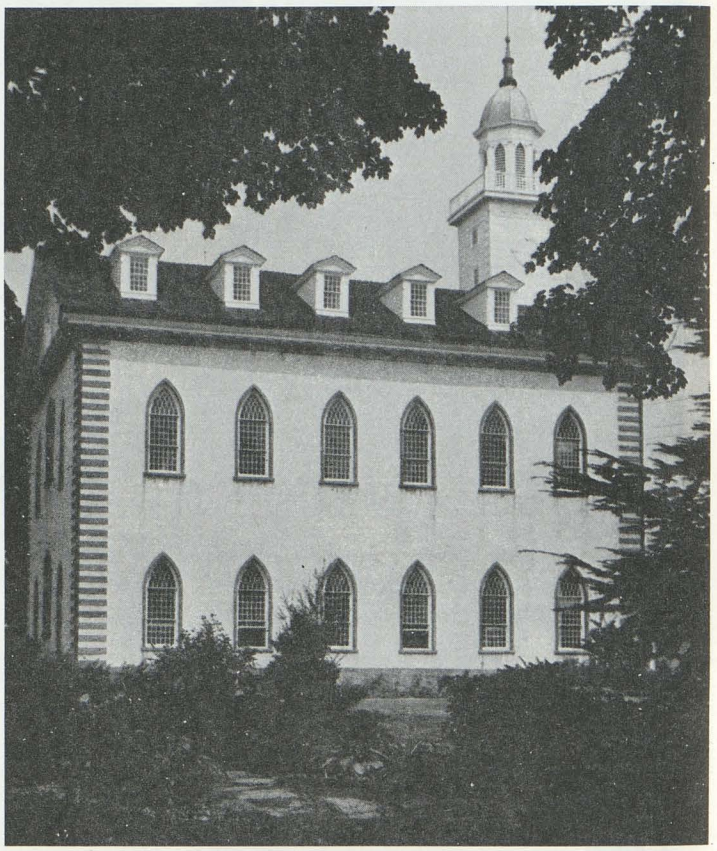
Muitos dos residentes no Ohio setentrional têm passado pelo belo vale do Rio Chagrin, seguindo seu curso sinuoso até Kirtland, Ohio. Ao aproximar-se da derradeira colina no fundo do vale, o visitante percebe um majestoso edifício, conhecido na região como "o velho templo mórmon", que permanece como monumento aos aproximadamente 4.000 santos que ali se estabeleceram na década de 1830. Atualmente, passados 135 anos, pouco resta da primitiva comunidade. Os terrenos estão sendo ràpidamente ocupados por moradores suburbanos de Cleveland; na cidade, as indústrias há muito desapareceram. As fotografias das páginas seguintes mostram o que resta, hoje em dia, dessa histórica comunidade.



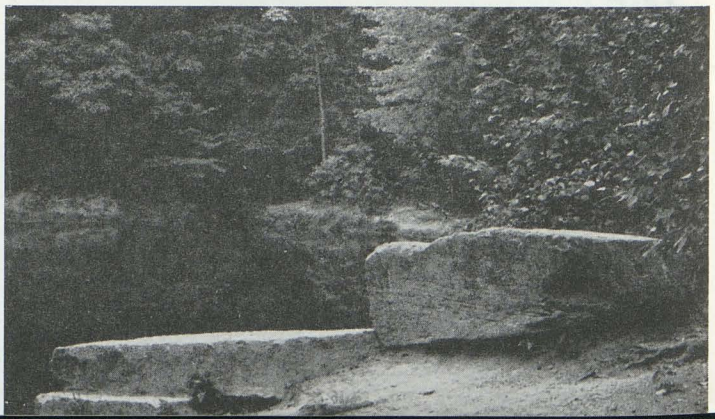
A loja de Newell K. Whitney e Algernon Sidney Gilbert, com quem Joseph Smith e sua espôsa Emma viveram por diversas semanas no andar superior do edifício (agora parcialmente restaurado), logo após chegarem a Kirtland, em fevereiro de 1831. Veja em "History of the Church", vol. 1, p. 146, a fascinante história da chegada de Joseph Smith.



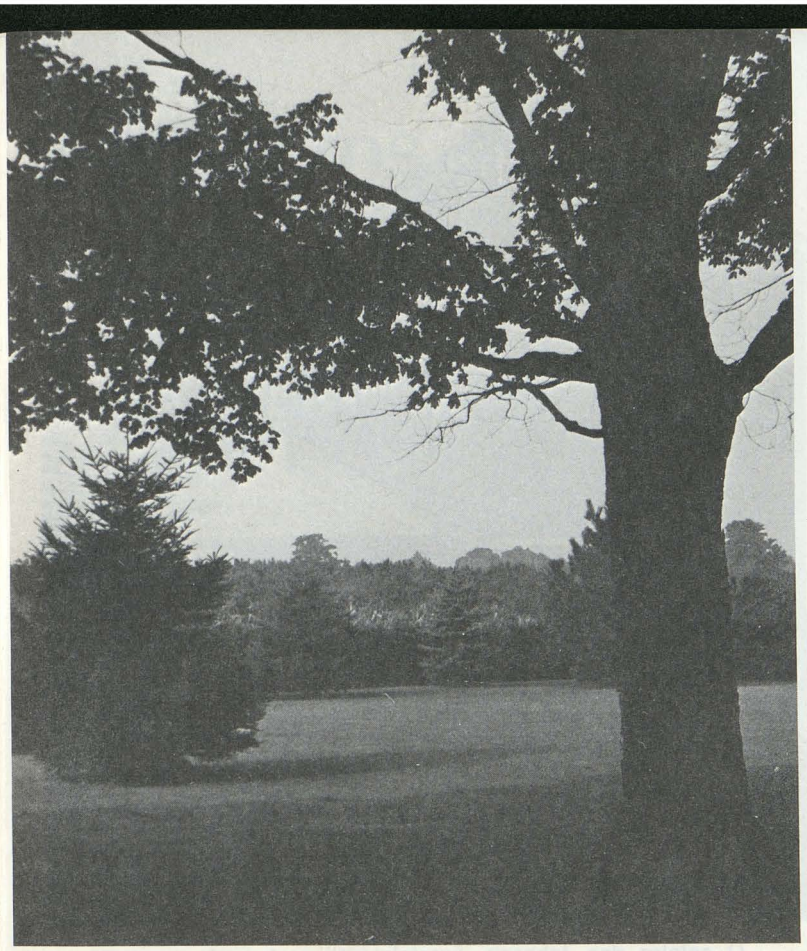
Joseph Street, adjacente ao quarteirão do templo, é testemunha silenciosa do plano da "City of Zion" (Cidade de Sião. N. do T.), elaborado por Joseph Smith em 1833, para ampliação de Kirtland.



Destinado a local de culto e não para ordenanças vicárias como os templos modernos, o de Kirtland foi construído de pedra e revestido de estuque que continha partículas de porcelana e cristal, para dar ao edifício um efeito cintilante. Logo após sua dedicação, em março de 1836, o templo foi agraciado com numerosas manifestações celestiais, inclusive a visitação do Salvador, Moisés, Elaías e Elias.

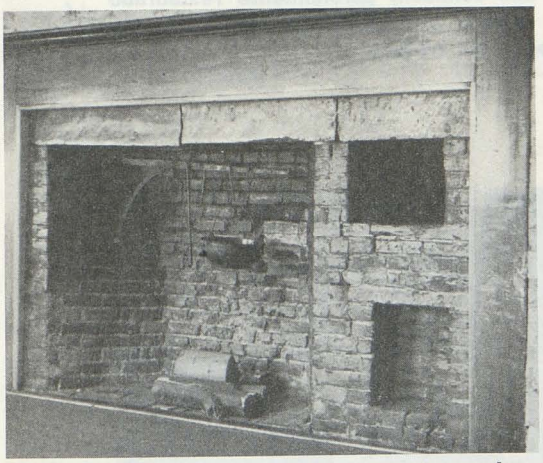


Cêrca de 5 km ao sul do templo, fica a pedreira de rocha calcária que forneceu o material para sua construção, continuando ainda visíveis as marcas da extração e pedaços de rocha já cortada. Nessa pedreira, trabalharam o Profeta, membros da Primeira Presidência, sumos-sacerdotes e élderes.



Neste local, a uma centena de metros da casa de fazenda dos Johnson, agora sereno e calmo, o Profeta Joseph Smith e Sidney Rigdon foram brutalmente espancados pela populaça, na noite de 24 de março de 1832. Ambos conservaram marcas do espancamento pelo resto da vida.

Num pequeno cemitério, ao norte do templo, encontram-se as lápides de Jerusha Barden Smith, espôsa de Hyrum Smith, e da avó do Profeta, Mary B. Smith. Perto delas, também estão sepultados os gêmeos, filho e filha do Profeta, nascidos em 1831, que viveram apenas três horas.



A lareira dos Johnson serviu como aquecedor, fogão e forno para a família Smith.

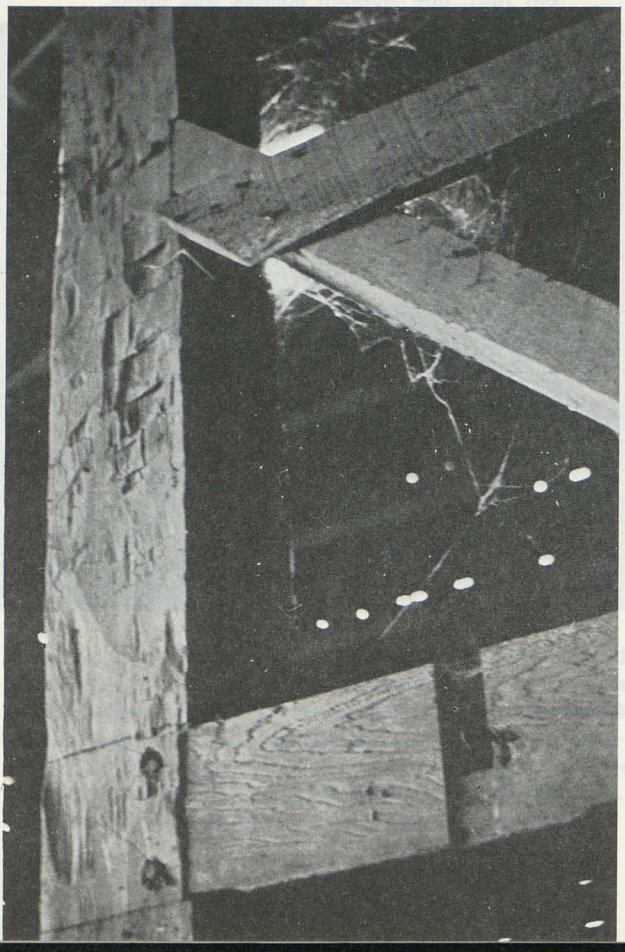




Em setembro de 1831, Joseph Smith e sua família mudaram-se para a casa de fazenda dos Johnson, em Hiram, cêrca de 48 km a sudeste de Kirtland. Nesta casa, onde o Profeta viveu por diversos meses, foram realizadas numerosas reuniões do conselho e de conferência. Cêrca de 15 das revelações de Doutrina e Convênios foram ali recebidas. A casa está parcialmente restaurada.



O celeiro dos Johnson, parcialmente restaurado com nôvo telhado e tabuado, foi construído durante a época do Profeta.



Vigas de madeira-de-lei talhadas a mão, unidas por tarugos de madeira, mostram o artesanato caprichoso do celeiro dos Johnson.

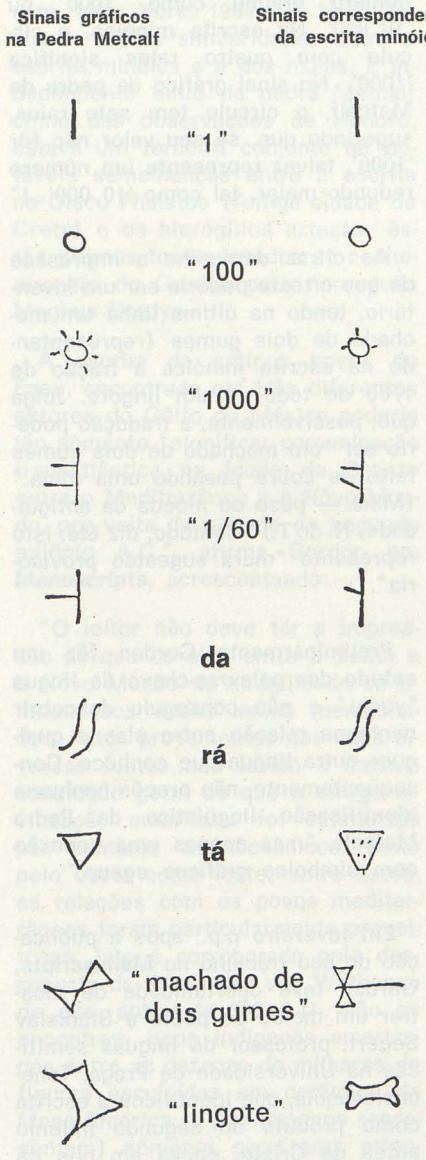


Esta casa, recentemente restaurada, foi a residência do Presidente Sidney Rigdon. Ex-ministro de uma congregação em Mentor, 8 km ao norte de Kirtland, o Presidente Rigdon foi o instrumento do ingresso de numerosos santos na Igreja.

Antigos Desembarques na América

John Lear

Ilustrações por cortesia de "Manuscripts".



Há quase 3.000 anos, os antepassados de uma das tribos índias sobreviventes da América vieram ao hemisfério ocidental do Mediterrâneo.

No ano 531 A.C., outro grupo das terras de Canaã aportou nas costas do atual Brasil.

Tais afirmações não teriam a mínima oportunidade de serem tomadas a sério há uns poucos anos atrás. Mas, neste verão, (no hemisfério setentrional. N. do T.) evidências de que são verdade propagam-se pelos círculos científicos, ao mesmo tempo em que Thor Heyerdahl, o herói norueguês da expedição Kon-Tiki através do Oceano Pacífico, navega pelo Atlântico num barco de junco, na sua segunda tentativa de provar que, há dezenas de séculos, já havia possibilidade de comunicação entre o Velho e o Nôvo Mundo.

Heyerdahl nada soube acêrca dêsses antigos navegadores antes de partir do pôrto marroquino de Safi, em maio p.p. Essa informação foi publicada em discretas revistas especializadas, pelo Professor Cyrus H. Gordon, diretor do departamento de estudos mediterrâneos da Universidade Brandeis, de Massachusetts. O presente artigo baseia-se nos mencionados escritos.

Em **Manuscripts,** periódico trimestral da "Manuscript Society", Gordon publicou um artigo sôbre acontecimentos que tiveram seu início no território reservado do Exército dos Estados Unidos, em Fort Benning, na Georgia. Ali, restam algumas ruínas de uma antiga propriedade chamada Underwood Mill. Entre elas, havia algumas pedras achatadas que atraíram a atenção de Manfred Metcalf, funcionário civil de Fort Benning, quando foi encarregado de abrir um fôsso para churrasco, no outono de 1966.

Uma das pedras escolhidas por Metcalf para usar no revestimento do fôsso era de arenito marrom-ama-

---

John Lear, "Ancient Landings in America", Saturday Review, **18 de julho de 1970, p. 18. Reproduzido com permissão. (O presente artigo deve ser encarado como interessante contribuição de uma fonte não-mórmon).**

relado. Ao tentar limpá-la, notou que nela havia certas inscrições estranhas. Achando que tais sinais poderiam ter algum valor, decidiu encaminhar a pedra ao Museu de Artes e Ofícios de Columbus, Georgia.

Joseph B. Mahan Jr., diretor do departamento de educação e pesquisa do museu, aceitou a pedra doada por Metcalf. Êsse senhor é especialista em raqueologia e etnologia dos indígenas americanos, sendo que, naquela época, estava justamente estudando a cultura da tribo indígena Yuchi.

Os "yuchis" viviam no território do Estado de Geórgia, mas, após terem sido expulsos de lá, estabeleceram-se em Oklahoma, em 1836. Mahan descobriu serem êles racial e lingüìsticamente diferentes dos outros índios. Afirmavam ter chegado à Geórgia ocidental vindos do sul. Diziam também que, originàriamente, haviam alcançado a América pelas bandas do leste. O sul poderia ser sòmente o Gôlfo do México, a leste do qual fica o Oceano Atlântico.

Um dos costumes dos "yuchis" atraiu especial atenção de Mahan — a peregrinação dos homens da tribo ao seu centro cultural, no décimo quinto dia do sagrado mês das colheitas. Por oito dias, viviam êles em tendas com teto aberto ao céu, porém coberto com ramos e folhagens. Durante êsse tempo, o festival era pontuado de longas caminhadas circundantes em tôrno de uma fogueira, que era mantida sempre ardendo. Diversos homens da tribo carregavam longas varas coroadas de folhagem durante tal caminhada. Em determinados momentos da celebração, grande número dêles não sòmente carregava os ramos como também os agitava vigorosamente.

Mahan viu uma íntima semelhança entre essa peregrinação dos "yuchis" e a festa dos tabernáculos (Palavra que também significa "abrigo portátil", i. é, tenda. N. do T.) dos hebreus. Achou que a semelhança era grande demais para ser acidental. No livro bíblico de Levítico, cap. 23, é prescrita uma celebração de oito dias por ocasião das colheitas, a iniciar-se no décimo quinto dia do mês sagrado. Durante êsse período, o povo deveria habitar em tendas abertas ao céu, porém, para aquela ocasião, cobertas com folhagens, frutas e vegetais. O versículo 37 do capítulo 23 de Levítico menciona o equivalente à fogueira dos "yuchis".

"Na celebração moderna da festa dos tabernáculos entre os judeus, não mais existe o fogo. Todos os detalhes, entretanto, são idênticos aos da celebração dos "yuchis", inclusive o ritual de agitar os ramos e andar em círculos.

Mahan já tinha em mente tôdas estas informações, quando Metcalf lhe trouxe a pedra encontrada nas ruínas do velho moinho, em Fort Benning. Admitindo que os "yuchis" fôssem descendentes dos mesmos povos que originaram os hebreus, não seria possível que os sinais gravados na pedra de Metcalf revelassem indícios de como essa estranha tribo chegou à Geórgia, vindo do Mediterrâneo?

Por volta da primavera de 1968, as especulações de Metcalf quanto a êsse assunto o induziram a encaminhar um molde de gêsso ao Professor Gordon de Brandeis. Êste comparou os símbolos gráficos com caracteres usados na escrita do povo minóico, cuja capital da Idade do Bronze — cêrca de 3.500 anos atrás — era Cnosso, na ilha de Creta.

Após estudar a inscrição, Gordon concluiu que realmente existia afinidade entre ela e a escrita minóica. Declara:

"O machado de dois gumes no canto inferior esquerdo é, sem dúvida, uma reminiscência da civilização minóica. Os traços verticais simples lembram símbolos idênticos representando o número '1' no silabário egeu, enquanto os pequenos círculos significavam '100'. O círculo raiado no início da terceira linha poderia ser uma pictografia do sol; contudo, acho mais provável representar um número grande como '1000' ou '10.000'. Na escrita minóica, o círculo com quatro raios significa '1000'. No sinal gráfico da pedra de Metcalf, o círculo tem sete raios, sugerindo que, se seu valor não fôr '1000', talvez represente um número redondo maior, tal como '10.000'...!"

As cifras deram-lhe a impressão de que o texto poderia ser um inventário, tendo na última linha um machado de dois gumes (representando na escrita minóica a fração de 1/60 do todo) e um lingote. Julga que, possìvelmente, a tradução poderia ser "um machado de dois gumes feito de cobre pesando uma mina." (Mina — pêso ou moeda da antigüidade. N. do T.) Contudo, diz êle, isto representa "mera sugestão provisória".

Preliminarmente Gordon fêz um estudo das palavras-chave da língua "yuchi" e não conseguiu descobrir nenhuma relação entre elas e qualquer outra língua que conhece. Conseqüentemente, não propôs nenhuma identificação lingüística da Pedra Metcalf, "mas apenas uma conexão com símbolos gráficos egeus."

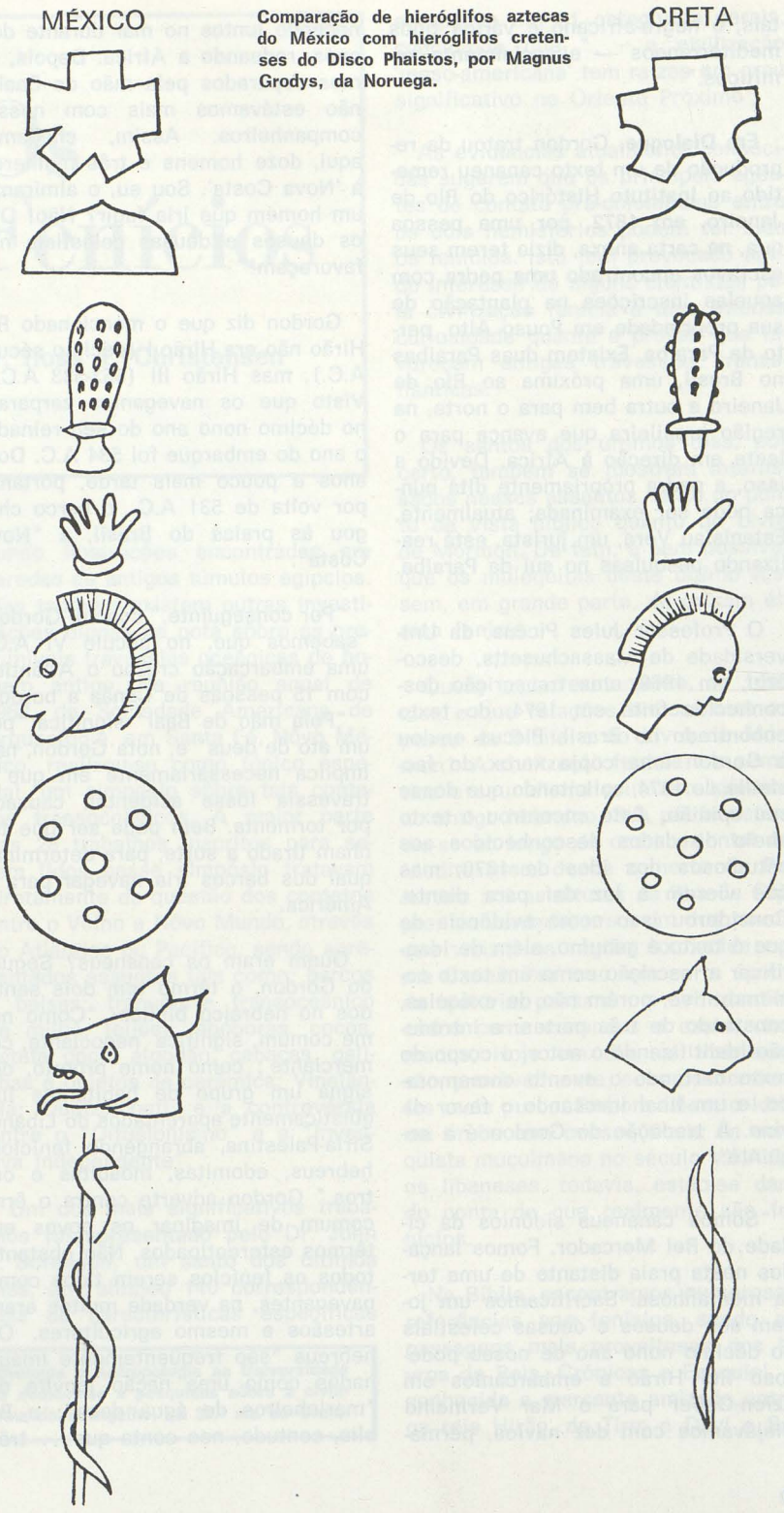
Em fevereiro p.p., após a publicação do seu trabalho no **Manuscripts,** Gordon teve oportunidade de mostrar um molde da pedra a Stanislav Segert, professor de línguas semíticas na Universidade de Praga, Tchecoslováquia, que identificou a escrita como produto do segundo milênio antes de Cristo, época em que os

povos do Egeu estavam passando do sistema silábico — caracteres escritos representando sílabas faladas — para um alfabeto.

O Professor Segert é um lingüista conservador de renome internacional. Sua classificação da Pedra Metcalf consubstanciou as deduções de Gordon, decorrentes de novas descobertas. Pierre Honoré, em seu livro **In Quest of the White God** (Putnam, New York, 1964), já havia indicado certas similaridades entre a escrita minóica e a dos maias. E independente tanto da pedra Metcalf como das observações de Honoré, estava um terceiro conjunto de notáveis semelhanças entre a escrita no Disco Phaistos (Antiga cidade de Creta) e os hieróglifos aztecas; êstes últimos foram levados ao conhecimento de Gordon pelo norueguês Magnus Grodys.

A escrita de antigos povos do Egeu, encontrada em três diferentes setores do Gôlfo do México poderia tão sòmente "significar comunicação transatlântica na Idade do Bronze entre o Mediterrâneo e o Nôvo Mundo, por volta da metade do segundo milênio A.C.", afirma Gordon em **Manuscripts,** acrescentando:

"O leitor não deve ter a impressão de que os elos entre o Velho e o Nôvo Mundo na antigüidade se limitam aos dados acima mencionados. Fatos provenientes das mais diversas fontes nos levam à mesma conclusão geral de que a antiga civilização americana foi estimulada por contatos transoceânicos, tanto pelo oeste como leste; entre êstes, as relações com os povos mediterrâneos foram particularmente proveitosas. Isto é corroborado pela descoberta de Alexander von Wuthenau de que, antes de 300 A.D., não se encontram tipos indígenas americanos entre as dezenas de milhares de figuras esculpidas em cerâmica da Meso-América... (As imagens representam) sòmente caracteres orien-



Comparação de hieróglifos aztecas do México com hieróglifos cretenses do Disco Phaistos, por Magnus Grodys, da Noruega.

tais, o negro-africano e vários tipos mediterrâneos — especialmente semíticos."

Em **Dialogue,** Gordon tratou da reprodução de um texto cananeu remetido ao Instituto Histórico do Rio de Janeiro, em 1872, por uma pessoa que, na carta anexa, dizia terem seus escravos encontrado uma pedra com aquelas inscrições na plantação de sua propriedade em Pouso Alto, perto da Paraíba. Existem duas Paraíbas no Brasil, uma próxima ao Rio de Janeiro e outra bem para o norte, na região brasileira que avança para o leste em direção à África. Devido a isso, a pedra pròpriamente dita nunca pôde ser examinada; atualmente, Estanislau Vera, um jurista, está realizando pesquisas no sul da Paraíba.

O Professor Jules Piccus, da Universidade de Massachusetts, descobriu, em 1968, uma transcrição desconhecida feita em 1874, do texto encontrado no Brasil. Piccus enviou a Gordon uma cópia xerox do facsímile de 1874, solicitando que desse sua opinião. Êste encontrou o texto cheio de dados desconhecidos aos estudiosos dos idos de 1870, mas que vieram à luz daí para diante. Considerou isso como evidência de que o texto é genuíno, além de identificar a inscrição como um texto comemorativo, porém não de exéquias, constando de três partes: a introdução identificando o autor, o corpo do texto narrando o evento comemorado, e um final invocando o favor divino. A tradução de Gordon é a seguinte:

"Somos cananeus sidônios da cidade do Rei Mercador. Fomos lançados nesta praia distante de uma terra montanhosa. Sacrificamos um jovem aos deuses e deusas celestiais no décimo nono ano de nosso poderoso Rei Hirão e embarcamos em Ezion-Geber para o Mar Vermelho Viajávamos com dez navios, permanecendo juntos no mar durante dois anos, rodeando a África. Depois, fomos separados pela mão de Baal e não estávamos mais com nossos companheiros. Assim, chegamos aqui, doze homens e três mulheres, à 'Nova Costa'. Sou eu, o almirante, um homem que iria fugir? Não! Que os deuses e deusas celestiais nos favoreçam!"

Gordon diz que o mencionado Rei Hirão não era Hirão I (décimo século A.C.), mas Hirão III (553-533 A.C.). Visto que os navegantes zarparam no décimo nono ano do seu reinado, o ano do embarque foi 534 A.C. Dois anos e pouco mais tarde, portanto por volta de 531 A.C., o barco chegou às praias do Brasil, a "Nova Costa".

"Por conseguinte," conclui Gordon, "sabemos que, no século VI A.C., uma embarcação cruzou o Atlântico com 15 pessoas de Canãa a bordo."

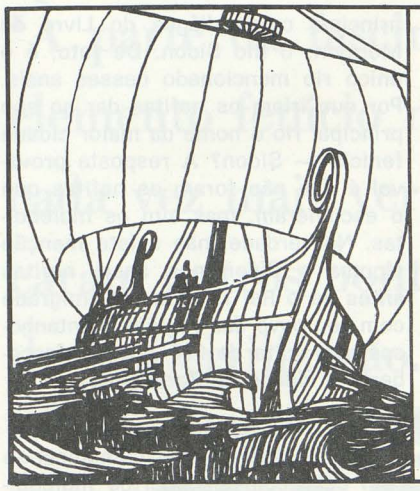
"Pela mão de Baal" significa "por um ato de deus" e, nota Gordon, não implica necessàriamente em que a travessia fôsse acidental, causada por tormenta. Bem pode ser que tenham tirado a sorte, para determinar qual dos barcos iria navegar para a América.

Quem eram os cananeus? Segundo Gordon, o têrmo tem dois sentidos no hebraico bíblico: "Como nome comum, significa 'negociante, comerciante'; como nome próprio, designa um grupo de habitantes lingüìsticamente aparentados do Líbano-Síria-Palestina, abrangendo fenícios, hebreus, edomitas, moabitas e outros." Gordon adverte contra o êrro comum de imaginar os povos em têrmos estereotipados. Não obstante todos os fenícios serem tidos como navegantes, na verdade muitos eram artesãos e mesmo agricultores. Os hebreus "são freqüentemente imaginados como uma nação jeovita de "marinheiros de água doce"; a Bíblia, contudo, nos conta que... três das tribos (Dã, Aser e Zebulom) eram versadas em navegação (Gênesis 49:13; Juízes 5:17)..." Pode ter havido hebreus na expedição chegada ao Brasil, comenta Gordon, mas "não se pode provar à luz da inscrição. A comunidade lingüística dos cananeus abrangia tanto seguidores de Jeová como de Baal. O texto menciona o último, mas não Jeová.

Que tipo de embarcações êsses antigos navegantes usaram para vir das terras de Canaã à América, continua sendo mistério. Muitas passagens bíblicas sugerem que os cedros do Líbano eram sempre procurados pelos hebreus e os povos com quem comerciavam, para embarcações de longo curso. Thor Heyerdahl continua acreditando que viagens atravessando o Atlântico podem ter sido feitas — seja por acidente ou de propósito — em barcos de junco.

No ano passado, Heyerdahl construiu, nas imediações das pirâmides de Giza, Egito, um cêsto de junco com a forma de um cisne, com aproximadamente 15 m de comprimento e 5 de largura e o fundo com 1,35 m de espessura. Em maio de 1969, zarpou nèste barco do pôrto de Safi, Marrocos, com uma equipagem de 7 homens de nacionalidades diferentes. Devido a erros de construção, o barco de junco — ao qual dera o nome de **Ra** segundo o deus egípcio do sol — teve de ser abandonado, após navegar 4.300 km, faltando menos de uma semana para chegar a Barbados.

Continuando convencido de que suas teorias são corretas, êste ano Heyerdahl construiu outro barco de junco, um pouco mais curto, na propriedade de Taib Amara, paxá de Safi. Heyerdahl iniciou sua viagem a 17 de maio, novamente com uma equipagem internacional, sob a bandeira das Nações Unidas, esperando alcançar a Península do Iucatã, antes do fim do verão.



Os Fenícios

Dr. Ross T. Christensen

Os membros da Igreja, sem dúvida, não ignoram diversas tentativas recentes de provar a viabilidade de contatos transoceânicos, antes da época de Colombo, entre o Velho e o Nôvo Mundo.

Dentre elas, as que mereceram maior destaque publicitário foram, provàvelmente, as viagens épicas do Marrocos, na costa atlântica da África, à Ilha de Barbados, ao norte da América do Sul, realizadas pelo intrépido navegador e cientista norueguês Thor Heyerdahl, em barcos de junco chamados **Ra** (1969) e **Ra II** (1970). Por certo, ninguém ainda se esqueceu da viagem de Heyerdahl, no **Kon Tiki,** em 1947, com a qual demonstrou a viabilidade de cruzar-se o Pacífico numa embarcação semelhante às que navegavam pela costa ocidental da América do Sul, na época dos conquistadores espanhóis. As experiências de 1969 e 1970 provam agora que os antigos povos civilizados da região mediterrânea eram capazes de cruzar o Atlântico até as Américas, em barcos construídos segundo ilustrações encontradas em paredes de antigos túmulos egípcios. Mas também existem outras investigações dignas de nota sôbre as presumíveis travessias oceânicas do homem antigo. Na reunião anual de 1968, da Sociedade Americana de Arqueologia, em Santa Fé, Nôvo México, realizou-se como tópico especial, um simpósio sôbre tais contatos transoceânicos. A maior parte dos 28 trabalhos inscritos para serem lidos nesse simpósio tratavam diretamente da questão dos contatos entre o Velho e Nôvo Mundo, através do Atlântico ou Pacífico, sendo apresentados assuntos tais como: barcos e balsas; transporte transoceânico de milho, feijões, abóboras, cocos, batata doce, algodão, cabaças, galinhas e objetos de cerâmica; Vinelândia; Quetzalcoatl; e a controvérsia entre o "Difusionismo" e a "Inventiva Independente".

Um dos mais significativos trabalhos foi apresentado pelo Dr. John L. Sorenson, um santo dos últimos dias, que alinhou 140 correspondências de características específicas agrupadas em 21 categorias gerais, concluindo que "... a civilização 'meso-americana' tem raízes em grau significativo no Oriente Próximo".

As evidências atualmente conhecidas sugerem que os principais agentes de contato pré-colombiano entre os dois hemisférios podem ter sido os fenícios. Isto tem provocado agudo interêsse de alguns cientistas pela civilização fenícia e uma intensa curiosidade quanto a provas que favoreçam antigas travessias transatlânticas.

Os santos dos últimos dias, por certo, também se mostram interessados nesses assuntos, tanto do ponto de vista bíblico quanto do Livro de Mórmon. De fato, é bem possível que os mulequitas dêste último fôssem, em grande parte, de origem étnica fenícia.

Quem eram, exatamente, os fenícios e que relações tinham com os povos da Bíblia e do Livro de Mórmon? A civilização fenícia era semítica e seu idioma primitivo idêntico ao antigo hebraico. Sua pátria estendia-se ao longo da costa oriental do Mediterâneo, desde o norte da Palestina até as alturas da ilha de Chipre. Na verdade, eram um dos povos que viviam na região conhecida como Canaã. Por isso, em certa época da história, passaram a ser identificados como cananeus e assim chamados. Hoje em dia, os libaneses são, provàvelmente, seus descendentes mais puros. Embora falem o idioma árabe, em conseqüência da conquista muçulmana no século VII A.C., os libaneses, todavia, estão-se dando conta de que realmente são fenícios.

Na Bíblia, encontramos numerosas referências aos fenícios, sendo as passagens mais proveitosas nos livros de Reis, Crônicas e Ezequiel. É conhecida a marcante amizade entre os reis Hirão, de Tiro, e Davi e Sa-

O Dr. Ross T. Christensen, professor de Arqueologia e Antropologia na Universidade de Brigham Young durante o ano de 1968-1969 dedicou-se a pesquisas sôbre a civilização fenícia. É professor da classe de Doutrina do Evangelho, na 35.ª ala de Orem.

lomão, de Israel. Naquele tempo, Tiro era o principal reino fenício e, de fato, os têrmos tírio e sidônio (derivado de Sídon, outra importante cidade fenícia) eram sinônimos de fenício.

Recentemente, o Dr. William F. Albright demonstrou que a maior época de exploração e colonização fenícia na área mediterrânea se iniciou pouco após a destruição do império filisteu, pelo Rei Davi, por volta de 990 A.C. Essa vitória não libertou apenas Israel como também a Fenícia. Seja como fôr, sòmente pouco tempo depois, surgem evidências aparentes da atividade fenícia no Mediterrâneo, chegando mesmo a um ponto tão distante como a Espanha.

"... os libaneses, todavia, estão-se dando conta de que realmente são fenícios."

À luz dêste breve retrospecto bíblico, consideremos alguns aspectos do Livro de Mórmon. As escrituras nefitas relatam a vinda de três grupos distintos, originários do antigo Oriente Próximo: o de Jared e seu irmão, o de Léhi e o de Muleque. Quem eram êsses "mulequitas" ou, como Mórmon denomina os descendentes do último grupo mencionado, "povo de Zarahemla"? (Omni 1:14)

Posteriormente, quando Sargão II, rei da Assíria, levou as tribos do norte de Israel como escravas — cêrca de 721 A.C. — êle também derrotou os fenícios, que nunca mais reconquistaram seu antigo poder. Não obstante, não desapareceram como povo independente, livre, senão no ano de 572 A.C., quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, os conquistou pouco depois da destruição de Jerusalém.

O texto não dá nenhuma explicação, exceto pela menção de Muleque, o jovem filho do rei Zedequias, que, evidentemente, sem que o soubessem os autores bíblicos, escapou da fúria dos babilônios. Era, naturalmente, um judeu da casa de Davi. Mas, e quanto aos componentes do seu grupo colonizador?

Fôssemos nós guardiões de um rebento da família real, encarregados de proteger sua vida, e soubéssemos que os demais filhos do rei haviam sido todos mortos na presença do pai, a quem vazaram a vista, a fim de que sua última memória visual fôsse a morte da sua própria carne e sangue (II Reis 25:7 e Jeremias 39:6-7), talvez nos decidíssemos por uma ação drástica.

Se quiséssemos partir por mar, a quem teríamos recorrido? Quem eram os melhores navegadores daquela época? Os fenícios. Foram êles que haviam circunavegado o continente africano não muito antes — aproximadamente em 660 A.C. — pela primeira vez na história, ao que sabemos. Isto acontecera durante a vida de Zedequias, por ordem de Nécao II, faraó do Egito. Depois do século VI, tal façanha não foi repetida por mais de 2 000 anos, quando então Vasco da Gama, o navegador português, o conseguiu em 1498.

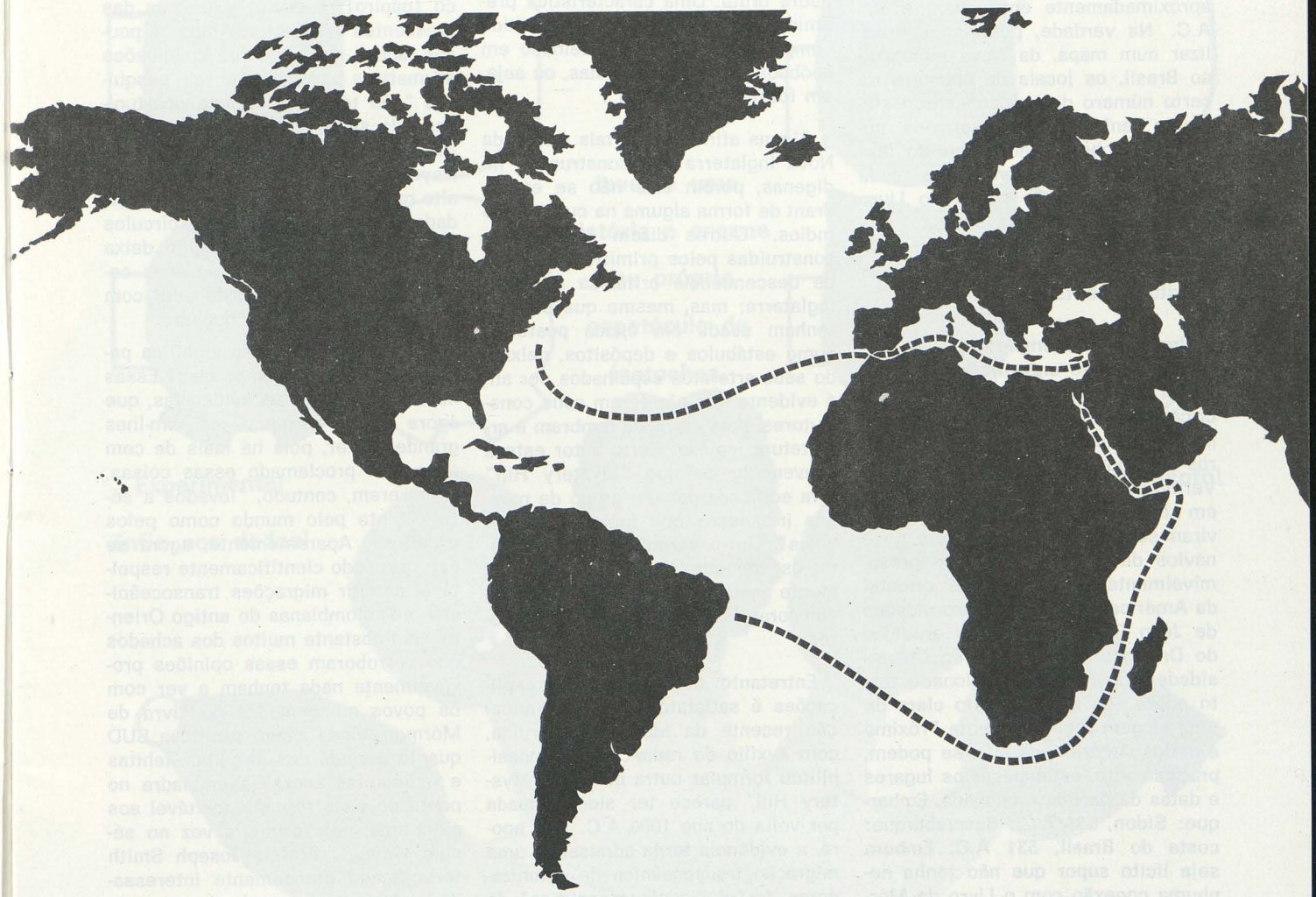
Òbviamente, é apenas uma hipótese* que Muleque tenha escapado com auxílio de marinheiros fenícios, mas ela assume certa importância, quando se atenta para o nome do principal curso d'água do Livro de Mórmon: o Rio Sidon. De fato, é o único rio mencionado nesses anais. Por que iriam os nefitas dar ao seu principal rio o nome da maior cidade fenícia — Sídon? A resposta provável é que **não** foram os nefitas que o escolheram, mas sim os mulequitas. Na verdade, não existe menção alguma a Sídon nos anais nefitas **antes** de o Rei Mosíah ter emigrado com seu povo das regiões montanhosas, por volta de 200 A.C., e descoberto a cidade de Zarahemla.

Omni registra (versículos 17, 18) que, afim de poderem comunicar-se com os recém-descobertos mulequitas, passou-se algum tempo até que êstes aprendessem o idioma nefita. Daí, deduz-se que quatro séculos de isolamento resultaram em marcantes diferenças entre as duas línguas supostamente originárias do hebraico. Contudo, provàvelmente seria mais correto pensar que o primitivo idioma dos mulequitas não foi o hebraico, mas, sim, o fenício, língua bastante aparentada com aquêle, porém suficientemente diferente, mesmo em 600 A.C., para que a diversidade fôsse notada. Passados quatrocentos anos, os dois idiomas poderiam ter evoluído de maneira diversa, a ponto de serem dificilmente inteligíveis um ao outro.

O relato de Hagote no Livro de Mórmon (Alma, cap. 63) encontra certos notáveis paralelos na história dos fenícios e seus descendentes de Cartago. O método de colonização por mar, usado por Hagote, não era costume dos antigos israelitas, mas

(*) Obtive a essência dessa hipótese fenício-mulequita anos atrás, numa conversa com John L. Sorenson. Pelo que me consta, foi primeiramente mencionada em público num artigo seu em The Improvement Era, **vol. 60, maio de 1957, pp. 330-31. O Dr. Sorenson, por sua vez, poderia tê-la obtido de seu professor de arqueologia, M. Wells Jakeman, durante seus estudos na Universidade de Brigham Young.**

"À parte da fascinante probabilidade de um específico elemento fenício no Livro de Mórmon, está-se tornando cada vez mais verossímil que navegantes fenícios alcançaram outros pontos no Nôvo Mundo, durante o apogeu de sua civilização."



típico dos fenícios, e é admissível que as habilidades náuticas e atitudes relativas ao mar persistissem por longo tempo entre os mulequitas, ao menos até a época de Hagote, por volta de 55 A.C.

À parte da fascinante probabilidade de um específico elemento fenício no Livro de Mórmon, está-se tornando cada vez mais verossímil que navegantes fenícios alcançaram outros pontos no Nôvo Mundo durante o apogeu de sua civilização, i. é, aproximadamente entre 1000 e 500 A.C. Na verdade, poderíamos localizar num mapa, da Nova Inglaterra ao Brasil, os locais de encontro de certo número de inscrições supostamente fenícias. Tais inscrições, porém, descobertas ao longo do litoral atlântico, provàvelmente nada têm a ver com os povos do Livro de Mórmon. Indubitàvelmente, demonstram visitas de outros navegadores em nada relacionados com as Escrituras nefitas.

Um notável exemplo destas inscrições é o texto encontrado na Paraíba, Brasil, no ano de 1872. Essa inscrição comemorativa relata, em idioma fenício, uma viagem de marinheiros de Sídon que, passando pelo Mar Vermelho, circunavegaram a África em sentido dos ponteiros do relógio, viram-se separados dos outros nove navios da frota e aportaram presumìvelmente no ponto mais oriental da América do Sul, nas proximidades de João Pessoa. Graças à erudição do Dr. Cyrus H. Gordon, da Universidade Brandeis, o mencionado texto agora nos dá um relato claro de uma viagem real do Oriente Próximo à antiga América, da qual se podem, pràticamente, estabelecer os lugares e datas da partida e chegada. Embarque: Sídon, 534 A.C.; desembarque: costa do Brasil, 531 A.C. Embora seja lícito supor que não tenha nenhuma conexão com o Livro de Mórmon, note-se que ocorreu no mesmo século das viagens de Léhi e Mulequе, e também, incidentalmente, de Nécao do Egito.

Uma descoberta curiosa — aparentemente sem relação alguma com os fenícios ou registros do Livro de Mórmon — é a do sítio chamado "Mystery Hill" (Colina do Mistério), localizado nas áreas densamente arborizadas próximas a North Salem, na parte meridional de New Hampshire. Em outras partes da Nova Inglaterra, também foram encontradas mais de 75 construções parecidas de pedra bruta. Uma característica preeminente de todo êsse enigmático complexo de ruínas é o telhado em abóboda provido de mísulas, ou seja, em forma de "colmeia".

Alguns afirmam que tais ruínas da Nova Inglaterra são construções indígenas, porém elas não se enquadram de forma alguma na cultura dos índios. Outros dizem terem sido construídas pelos primitivos colonos de descendência britânica da Nova Inglaterra; mas, mesmo que êles as tenham usado em época posterior como estábulos e depósitos, deixando seus artefatos espalhados por ali, é evidente que não foram seus construtores, pois em nada lembram a arquitetura inglêsa. Certo autor estava convencido de que "Mystery Hill" fôra edificada por um grupo de monges irlandeses que fugiam dos "vikings". Outro acreditava que, embora os monges tivessem posteriormente tomado posse da construção, não foram seus primitivos edificadores.

Entretanto, nenhuma dessas explicações é satisfatória. A determinação recente da idade dessa ruína, com auxílio do radio-carbono, possibilitou formular outra melhor. "Mystery Hill" parece ter sido ocupada por volta do ano 1000 A.C. Até agora, a evidência torna admissível uma migração transoceânica de colonizadores da "civilização megalítica" do derradeiro período da Idade do Bronze da Europa Ocidental.

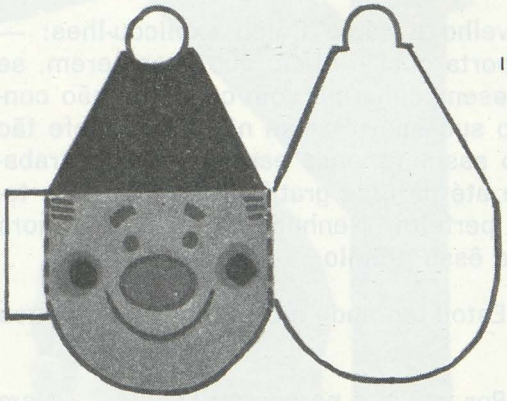
No número de 18 de julho de 1970, de **Saturday Review,** John Lear publicou um artigo intitulado "Antigos Desembarques na América: uma tribo índia americana pode ter antepassados comuns com os hebreus bíblicos." (Veja p. 9) Nesse artigo, fala dos estudos realizados por Joseph B. Mahan Jr. sôbre a tribo "yuchi", da Geórgia; do nôvo estudo do texto fenício encontrado no Brasil, feito por Cyrus H. Gordon; da bem-sucedida travessia atlântica de Thor Heyerdahl, num barco construído de junco (papiro); e outros exemplos das crescentes evidências. Ainda há poucos anos, diz o autor, conclusões afirmativas baseadas em tais pesquisas "não teriam a mínima oportunidade de serem tomadas a sério..." Mas, neste último verão, enquanto Heyerdahl ainda se encontrava em alto mar, "evidências de que são verdade propagam-se pelos círculos científicos..." E seu artigo deixa claro que êle e muitos de seus colegas sentem-se impressionados com o desenvolvimento da questão.

Mas, o que tudo isso significa para os santos dos últimos dias? Essas novas e revigorantes evidências, que agora estão surgindo, causam-lhes grande prazer, pois há mais de cem anos têm proclamado essas coisas, sem serem, contudo, "levados a sério", tanto pelo mundo como pelos eruditos. Aparentemente, agora se está tornando cientìficamente respeitável admitir migrações transoceânicas pré-colombianas do antigo Oriente. Não obstante muitos dos achados que corroboram essas opiniões provàvelmente nada tenham a ver com os povos mencionados no Livro de Mórmon, ainda assim a crença SUD quanto à vinda dos jareditas, lehitas e mulequitas agora se enquadra no ponto de vista tornado aceitável aos cientistas, pela primeira vez no século vinte. O Profeta Joseph Smith teria ficado grandemente interessado nas recentes descobertas e a respectiva reação dos meios científicos diante delas.

Fantoches Manuais

Marian Miner

Ilustração de Dorothy Wagstaff

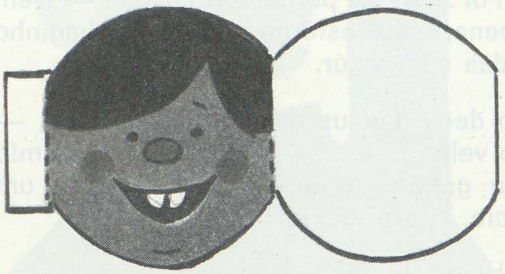




Colore,

recorte,

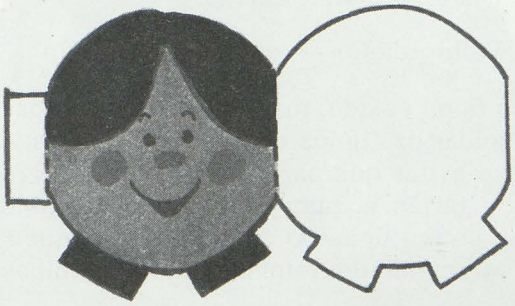
dobre,

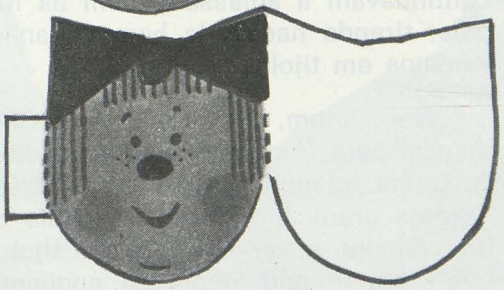




cole,

invente uma história e encene seu próprio espetáculo de fantoches.

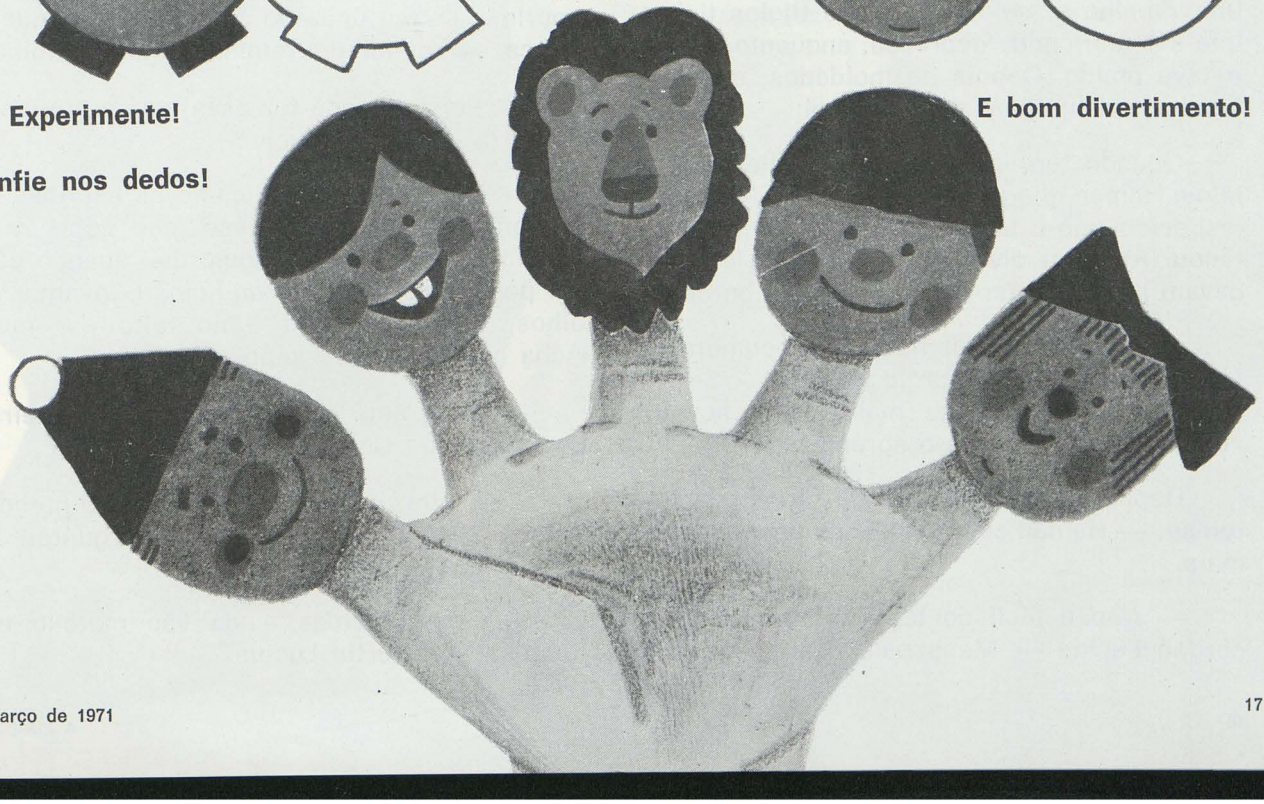




Experimente!

Enfie nos dedos!

E bom divertimento!



A Marca de Neb

Rosalie W. Doss

Vamos com êsse trabalho, rapazes! — gritou o velho Caleb. — Se não andarem mais deperssa, o barro acabará secando.

O velho Caleb despejou seu grande cêsto de barro úmido no amplo cavado, para ser misturado com palha.

Neb, Joram e Lucius faziam êsse trabalho, amassando o barro com os pés. Quando finalmente a mistura ficava no ponto, os rapazes continuavam a amassá-lo com as mãos. Depois, tirando nacos de bom tamanho, moldavam-nos em tijolos.

Neb, Joram, Lucius e o velho Caleb trabalhavam para Haman, proprietário da olaria na Palestina, há muito, muito tempo atrás. Os três garotos eram aprendizes do ofício de oleiro, um trabalho pesado e sujo. Os tijolos tinham que ser fabricados depressa, enquanto o barro estava úmido. Depois de moldados, eram alinhados em fila para secar ao sol.

Quando terminavam a quinta fileira de tijolos, Haman chegou à olaria. Passou por elas, inspecionando o trabalho. Repentinamente, estacou. Apontou diversos tijolos que já começavam a fragmentar-se ao longo das bordas.

— Que construtor haveria de comprar tijolos como êstes? — urgiu Haman. — Se não aprenderem a caprichar mais, serão homens velhos até terminarem o aprendizado!

Depois que Haman se foi, Joram lamentou-se: — Haman exige muito de nós, cedo demais.

— Não é fácil contentar Haman — concordou Lucius — Meus pais fizeram questão de me colocarem aqui como aperndiz do ofício. Mas tão logo termine meu aprendizado, nunca mais porei a mão num tijolo. Procurarei uma profissão menos trabalhosa.

O velho e sábio Caleb explicou-lhes: — Não importa qual o ofício que escolherem, se não o desempenharem com capricho, não conseguirão sucesso. Haman não é um chefe tão rigoroso assim, apenas espera um bom trabalho. Êle até dá uma gratificação, quando a tarefa sai perfeita. Nenhum de vocês até agora fêz jus a êsse prêmio.

— Estou tentando merecê-lo, — comentou Neb.

— Por quê? — perguntou Lucius. — Nem vale a pena, tanto esfôrço por um punhadinho de moedas sem valor.

Não deixe Lucius desencorajá-lo, Neb, — aduziu o velho Caleb. — Mesmo que o prêmio não seja grande, você está aprendendo um bom ofício. Tire o máximo dêle.

— Hum! — bufou Lucius.

— Velho idiota! — escarneceu Joram.

Neb ficou calado, mas daí por diante, passou a moldar os tijolos com extremo cuidado. Procurava evitar que as bordas ficassem farelentas ou tortas e, num canto de cada tijolo, imprimia com a unha do polegar uma pequena marca, parecendo um raminho com três fôlhas.

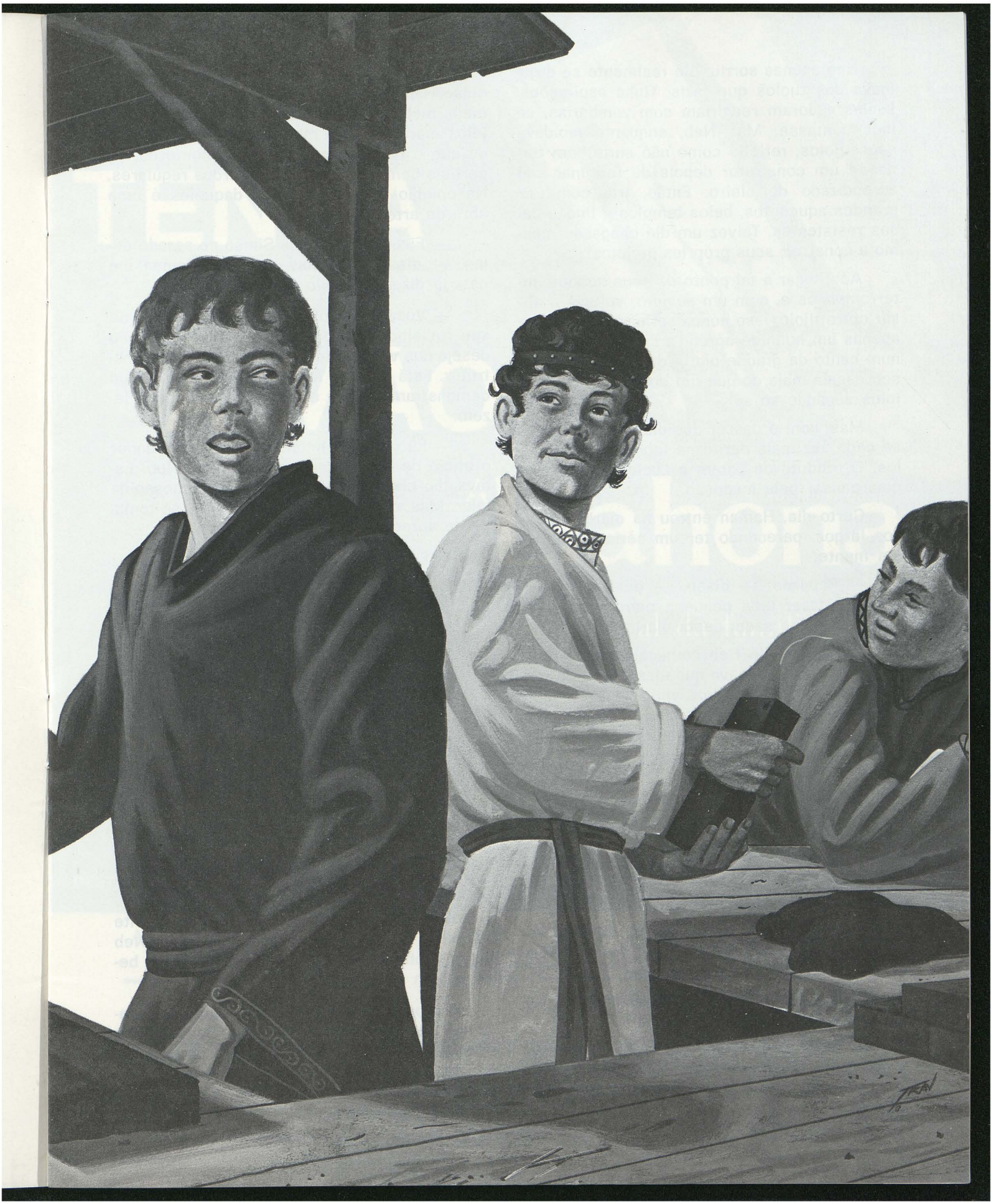
— Por que você faz essa marca nos seus tijolos? — indagou Lucius.

— Não sei escrever como os escribas — respondeu Neb, — por isso faço estas marquinhas. Assim, talvez algum dia, quando passar por um dos grandes edifícios e levantar os olhos, descobrirei um tijolo feito por mim. Acha que então não sentiria orgulho?!

— Você está começando a falar asneiras como o velho Caleb, — retrucou Lucius.

— É sim, que importa o que acontecerá com os tijolos que fazemos? — perguntou Joram.

— Essas marcas ainda vão metê-lo em apuros, — advertiu Lucius.



Neb apenas sorriu. Êle realmente se orgulhava dos tijolos que fazia. Tinha aspirações. Lucius e Joram reagiriam com zombarias, se lhos contasse. Mas Neb, enquanto moldava seus tijolos, refletia como não seria bom tornar-se um construtor depois de terminar seu aprendizado de oleiro. Então, iria construir grandes aquedutos, belos templos e lindas casas resistentes. Talvez um dia chegasse mesmo a construir seus próprios projetos!

Ao chegar a tal ponto de seus sonhos, interrompia-os e, com um suspiro, voltava a alisar outro tijolo. Isso nunca seria realidade! Era apenas um humilde aprendiz de oleiro. Metido num canto da grande olaria de Haman, não se sobressaía mais do que um dos incontáveis tijolos secando ao sol.

Mas, com o passar dos dias, Neb tornava-se cada vez mais perito na fabricação de tijolos. O produto de Joram e Lucius mal conseguia passar pela inspeção.

Certo dia, Haman entrou na olaria a passos largos, parecendo ter um sério problema em mente.

— Rapazes, — disse, — qual de vocês costuma fazer uma pequena marca no canto dos tijolos que saem desta olaria?

Os joelhos de Neb começaram a termer. Será que Haman achava que elas desfiguravam os tijolos? Na certa, agora vinha uma descompostura. Quem sabe até levaria umas chicotadas nas costas, por ter estragado os tijolos.

Antes de Neb conseguir responder, Joram apontou-lhe um dedo acusador, dizendo:

— Aquelas marquinhas foram feitas por Neb.

Por trás da mão, Lucius sussurrou-lhe: — Bem que lhe dissemos que aquelas marcas iam dar barulho!

— Sim, fui eu quem fêz as marcas, — disse Neb, tentando manter a voz firme. — Espero não ter feito nada de errado.

— Por que você fêz aquelas marcas? — indagou Haman, curioso.

— Tenho orgulho do que faço, — admitiu o garôto. — Esperava algum dia poder identificar um dos tijolos feitos por mim num belo edifício.

— Seus tijolos já foram identificados, — disse Haman. — Simão, o construtor, um dos meus melhores fregueses, disse-me que os tijolos marcados são mais fortes e resistentes do que o resto. Gostou principalmente da superfície bem acabada e seus bordos regulares. Na opinião dêle, cada tijolo daqueles é uma obra de arte.

— Fico contente que Simão se agrade dêles, — disse Neb. Mas, por que Haman lhe estaria dizendo aquilo tudo?

— Você tem motivos de sentir orgulho do seu trabalho, — prosseguiu Haman. — Simão deseja que você se torne seu aprendiz de construtor. Está sempre à procura de rapazes que demonstram talento e têm orgulho do que fazem.

— Eu gostaria imensamente de aprender o ofício de construtor, — respondeu Neb. Estava tão cheio de alegria, que mal conseguia falar. Mas, no mesmo instante, sentiu-se tomado de apreensão. Hesitante, perguntou:

— Permitir-me-ia trabalhar como aprendiz de Simão, antes de terminar o tempo estipulado com o senhor?

— Por certo. Nunca recuso coisa alguma a um freguês tão bom como Simão, — retrucou Haman, sorrindo pela primeira vez.

Depois, novamente sério, voltou-se para Lucius e Joram:

— Vocês dois tomem cuidado! De agora em diante, passarão a fazer tijolos melhores ou haver-se-ão comigo!

— Faremos, sim! Faremos, sim! — responderam os dois em côro. Compreendiam que a paciência de Haman tinha chegado ao fim.

— E agora, quem é o velho idiota? — casquinou Caleb, alegremente. — Eis aí, diante dos olhos de vocês, um futuro construtor. Neb ficará conhecido em tôda a parte por suas belas e bem acabadas obras.

O rapaz soriru para o velho Caleb. Esperava que o bom velho tivesse razão. Seus sonhos começavam a mostrar uma aurora de promessa. Se trabalhasse com o máximo empenho, tornar-se-iam em realidade! Neb, o construtor! Como soava bem!

TENHA À MÃO A Liahona



A revista mensal da família mórmon

orienta, ensina, inspira.

DESTAQUE O CONVITE ABAIXO

A Liahona
Orgão Oficial da Igreja em Língua Portuguêsa

CONVITE DE ASSINATURA

REMETA AO

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL 19079 - S. PAULO, BRASIL

_____
NOME POR EXTENSO, LEGÍVEL, DATILOGRAFADO OU EM LETRA DE FORMA

_____
ENDEREÇO COMPLETO

_____
ALA/RAMO, ESTACA/DISTRITO/MISSÃO

AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO REPRESENTANTE _____ AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO CORREIO _____

CERTIFIQUE-SE DE QUE HÁ ENTREGA POSTAL NO SEU ENDERÊÇO E AGUARDE, POR FAVOR. ATÉ OITO SEMANAS PARA CONFIRMAÇÃO E INÍCIO DA SUA ASSINATURÁ.

Segue anexo pagamento por **cheque visado ou comprado pagável em São Paulo, a** favor do **CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO,** por uma assinatura de doze exemplares d' A LIAHONA.

Preço da Assinatura Anual

para o Brasil:	CrS 10,00
para o exterior simples:	US$ 3,00
para o exterior aérea	US$ 7,00

O Bispo Presidente Fala Juventude Sôbre:

Como a Igreja os Auxilia a Enfrentar os Problemas de Hoje

Bispo John H. Vandenberg

Nossos líderes nos têm dito que esta é uma geração escolhida. Afirmou o Presidente Wilford Woodruff: "O Senhor elegeu como futuros herdeiros desta terra um pequeno número de espíritos escolhidos entre os filhos e filhas de tôda a criação de Deus; e êste grupo ficou retido no mundo espiritual por seis mil anos para surgir nestes últimos dias, a fim de viver na carne nesta última dispensação da plenitude dos tempos, para organizar o Reino de Deus na terra, e a edificá-lo e defendê-lo..." **(Our Lineage,** p. 4)

É fácil compreender por que o Senhor reteve êsses espíritos escolhidos até o nosso tempo. A tarefa a cumprir exige almas valorosas e dedicadas, para levarem avante o reino de Deus, a fim de que o reino dos céus possa ser estabelecido.

O ambiente em que isto tem que ser feito dificilmente poderia ser pior, em muitos aspectos. Os valôres sociais e morais têm sido grandemente obliterados. Líderes políticos, educadores e mesmo clérigos têm negado a validade das regras da vida encontradas nas Escrituras, tanto antigas como modernas. Conclusões imprevidentes, baseadas no limitado poder do raciocínio humano, têm substituído a perspectiva da sabedoria infinita de Deus. As ciências materiais progridem com tanta rapidez e eficiência, que muitos jovens perderam contato com Deus. Surgem pseudo-ciências que pretendem determinar os valôres e padrões sôbre os quais a juventude é incentivada a fundamentar sua conduta moral e ética. A gente môça é constantemente submetida ao sedutor "canto de sereia" dos chamados "ativistas", que querem solucionar os problemas sociais e políticos do mundo por meio do desrespeito às leis, violência, anarquia, ou da destruição do livre-arbítrio do homem.

Essas fôrças negam a origem divina do homem, o propósito da sua vida eterna, e a possibilidade de uma existência além-túmulo.

Esta geração tem sido chamada de "tudo instantâneo." A paciência e esforços aplicados pelas gerações anteriores para alcançar a felicidade, têm sido substituídos em grau perturbador, pela dependência passiva de efeitos quimioterápicos. Pílulas para estimular, excitar, acalmar, conciliar o sono, e mesmo para supostamente permitir à pessoa vislumbrar seu íntimo e ver seu espírito ou entrar em contato com quaisquer fôrças espirituais que porventura existam no universo, são vendidas legal ou ilegalmente a centenas de milhões.

Devido ao maior acesso a todos os tipos de informação e à ênfase dada à educação formal hoje em dia, bem cedo os jovens estão preparados para uma crescente medida de participação e responsabilidade nas atividades religiosas, sociais e políticas do seu mundo. E, a não ser que encontrem na Igreja um meio de aplicar seu

O Bispo Presidente Fala Juventude Sôbre:

Como a Igreja os Auxilia a Enfrentar os Problemas de Hoje

Bispo John H. Vandenberg

Nossos líderes nos têm dito que esta é uma geração escolhida. Afirmou o Presidente Wilford Woodruff: "O Senhor elegeu como futuros herdeiros desta terra um pequeno número de espíritos escolhidos entre os filhos e filhas de tôda a criação de Deus; e êste grupo ficou retido no mundo espiritual por seis mil anos para surgir nestes últimos dias, a fim de viver na carne nesta última dispensação da plenitude dos tempos, para organizar o Reino de Deus na terra, e a edificá-lo e defendê-lo..." **(Our Lineage,** p. 4)

É fácil compreender por que o Senhor reteve êsses espíritos escolhidos até o nosso tempo. A tarefa a cumprir exige almas valorosas e dedicadas, para levarem avante o reino de Deus, a fim de que o reino dos céus possa ser estabelecido.

O ambiente em que isto tem que ser feito dificilmente poderia ser pior, em muitos aspectos. Os valôres sociais e morais têm sido grandemente obliterados. Líderes políticos, educadores e mesmo clérigos têm negado a validade das regras da vida encontradas nas Escrituras, tanto antigas como modernas. Conclusões imprevidentes, baseadas no limitado poder do raciocínio humano, têm substituído a perspectiva da sabedoria infinita de Deus. As ciências materiais progridem com tanta rapidez e eficiência, que muitos jovens perderam contato com Deus. Surgem pseudo-ciências que pretendem determinar os valôres e padrões sôbre os quais a juventude é incentivada a fundamentar sua conduta moral e ética. A gente môça é constantemente submetida ao sedutor "canto de sereia" dos chamados "ativistas", que querem solucionar os problemas sociais e políticos do mundo por meio do desrespeito às leis, violência, anarquia, ou da destruição do livre-arbítrio do homem.

Essas fôrças negam a origem divina do homem, o propósito da sua vida eterna, e a possibilidade de uma existência além-túmulo.

Esta geração tem sido chamada de "tudo instantâneo." A paciência e esforços aplicados pelas gerações anteriores para alcançar a felicidade, têm sido substituídos em grau perturbador, pela dependência passiva de efeitos quimioterápicos. Pílulas para estimular, excitar, acalmar, conciliar o sono, e mesmo para supostamente permitir à pessoa vislumbrar seu íntimo e ver seu espírito ou entrar em contato com quaisquer fôrças espirituais que porventura existam no universo, são vendidas legal ou ilegalmente a centenas de milhões.

Devido ao maior acesso a todos os tipos de informação e à ênfase dada à educação formal hoje em dia, bem cedo os jovens estão preparados para uma crescente medida de participação e responsabilidade nas atividades religiosas, sociais e políticas do seu mundo. E, a não ser que encontrem na Igreja um meio de aplicar seu

vigor e energias na solução dos problemas de sua vida e do mundo em que vivem, nossos jovens poderão buscar caminhos estranhos à Igreja para concretizarem sua contribuição. Deveriam ter a oportunidade, o mais cedo possível, de experimentar atividades e relações num plano espiritualmente satisfatório dentro da Igreja. Precisam vir a conhecer, já nos anos de crescimento, através das atividades do Sacerdócio e auxiliares, as alegrias duradouras da verdadeira espiritualidade, proporcionadas pelo empenho e sacrifício pessoal em proveito de terceiros. Só assim terão capacidade de bastante para resistir às fôrças destruidoras do corpo e da alma que os rodeiam.

O Presidente David O. McKay positivou a importância dêsse adestramento, quando disse: "A espiritualidade de uma ala será proporcional à atividade da juventude nessa ala. O presidente do quorum dos sacerdotes é o bispo, por ordenação, e é sua obrigação obter a confiança daqueles rapazes, e môças de idade correspondente, pois são êles que moldarão a atmosfera moral de sua ala."

A Igreja está preparada para enfrentar o desafio. Através dos programas de reunião familiar e ensino familiar, os pais de hoje recebem ajuda e orientação quanto ao relacionamento pessoal e ambiente doméstico necessário ao desenvolvimento dos desejados motivos, lealdades e convicções na vida de seus filhos, para que possam resistir aos golpes morais e espirituais de um mundo saturado de sensualidade.

O programa do mérito pessoal do Sacerdócio Aarônico e a programação correspondente das môças proporcionam à juventude experiência no estabelecimento de metas pessoais. Por meio dêste exercício da responsabilidade individual, êles desenvolverão fôrça de caráter, bem como melhor comunicação com seus pais e líderes da Igreja.

A designação do Bispado Presidente como comitê de escotismo da Igreja transformará êste movimento em auxiliar mais efetivo do programa de atividades do Sacerdócio Aarônico e fortalecerá a liderança adulta, em ambos os setores.

Aproximadamente 140 000 jovens membros da Igreja espalhados por todo o mundo, recebem instrução religiosa diária, através dos programas de institutos e seminários. E êste mútuo contato diário, estudando e aprendendo a aplicar os ensinamentos das Escrituras, capacita êsses jovens a renovarem sua determinação de resistir às tentações a que estão sujeitos.

O comitê da juventude do bispado é um dos mais eficientes instrumentos proporcionados pela Igreja para o fomento da participação e liderança da juventude. Sua função primária é aperfeiçoar a eficiência dos programas do Sacerdócio Aarônico e das auxiliares, dando aos jovens um máximo de oportunidades de sugerir meios de implantação dos programas adequados às condições locais. Através do comitê da juventude do bispado, tornar-se possível orientar as energias da juventude para a edificação da fé e do testemunho nos futuros líderes da Igreja.

Um exemplo da eficiência dêsse comitê, quando adequadamente utilizado, é o sucesso do projeto "Bom Samaritano", realizado na área da cidade de Lago Salgado, quando a juventude foi chamada a levantar fundos, para auxiliar a construção de uma capela de certa seita religiosa. Porta-vozes dos participantes dêsse projeto exprimiram seu entusiasmo e gratidão pela oportunidade de demonstrar que estavam à altura de prover excelentes idéias e executá-las. Trabalharam àrduamente e, quando terminou, ficaram surpresos ao descobrir um dividendo extra no acrescido amor, e compreensão por seus companheiros de faina, bem como pelas pessoas a quem serviram.

A gente môça preocupa-se com as necessidades de seus semelhantes e tem o desejo sincero de ajudá-los. São idealistas e impressionáveis. Por isso, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias provê-lhes a oportunidade necessária, dentro da estrutura do Sacerdócio e das auxiliares, para que aprendam a servir e sacrificar-se. Quando a serviço de Deus e do próximo, estão protegidos contra as astúcias de Satanás.

Se Realmente Me Amasse, Você...

Querido Jim,

Ontem, à noite, você me implorou com tanto ardor e insistência que lhe desse "provas do meu amor". Você foi muito persuasivo, e como sempre desejo agradá-lo e fazer o que você quer, tornou-se muito difícil resistir-lhe.

Hoje, sou grata do fundo de um coração atemorizado e satisfeito, por não ter deixado que me persuadisse. Tivesse eu cedido à sua insistência, agora estaria desprezando a mim mesma e odiando e acusando você.

Esta noite, quase não consegui dormir, mas refleti muito. Fiquei meditando em quão radiosa e bela é a palavra **pureza.** Não creio que hoje pudesse suportar o desespêro e o asco ao próprio eu, se lembrasse que me dera a você.

A noite tôda, passagens das Escrituras percorreram minha mente, e nunca tiveram tanto significado para mim! A primeira de que me lembrei foi que diz o Pai Celestial: "Eu, o Senhor Deus, deleito-me na castidade das mulheres." Hoje, pensando nessa Escritura, sinto profunda gratidão por ainda aplicar-se a mim!

No meio da noite, levantei-me e abri o Livro de Mórmon num versículo que de alguma forma me lembrava, em que Mórmon se dirige a seu filho Morôni. Pode-se ainda sentir seu horror e pesar, quando narra a terrível crueldade dos soldados nefitas para com as môças lamanitas.

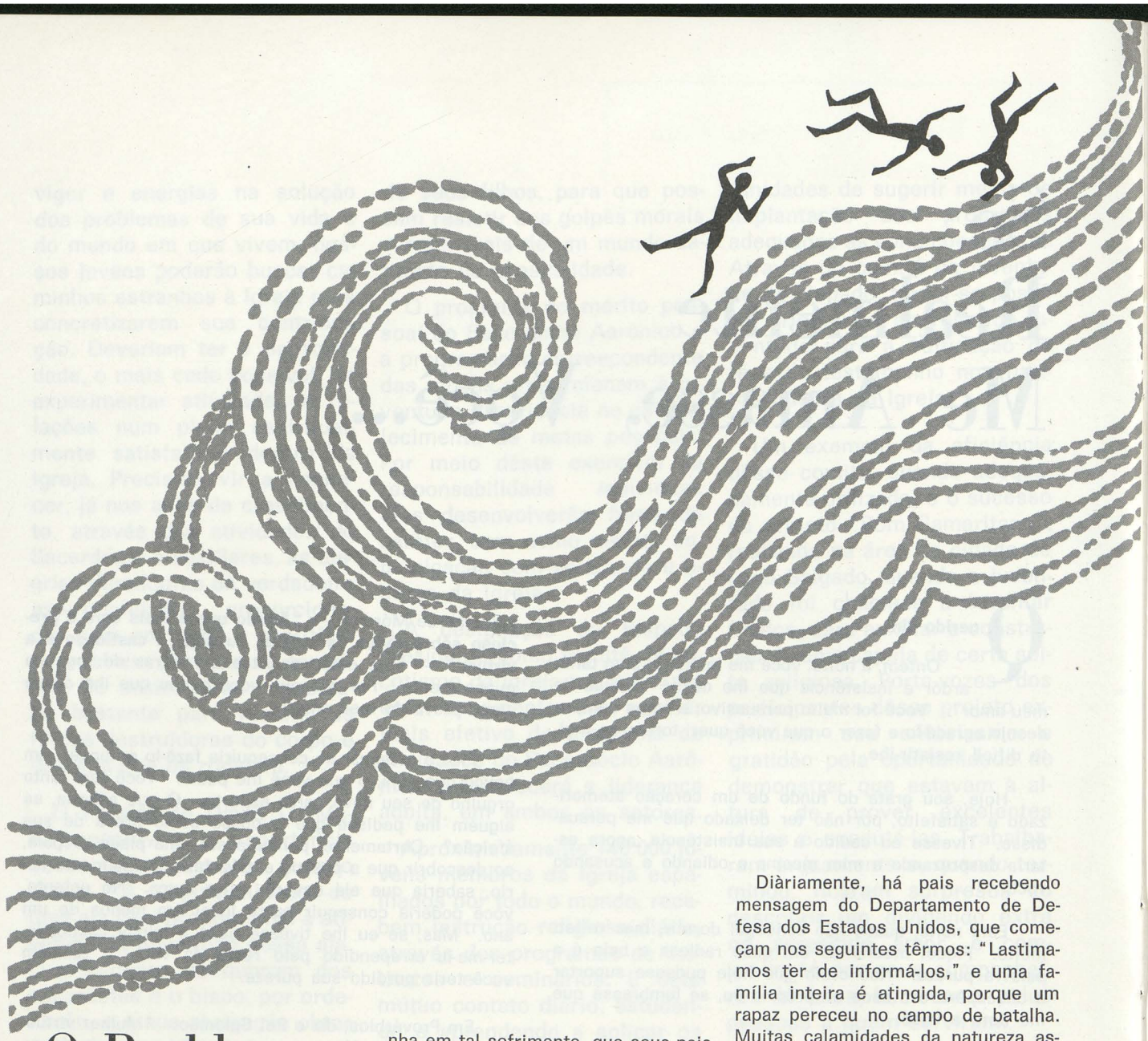
"Muitas das filhas dos lamanitas foram aprisionadas," diz êle, "e, depois de as terem despojado daquilo que é mais caro e precioso sôbre tôdas as coisas, ou seja a castidade e a virtude..." (Morôni 9:9) Estas palavras de Mórmon — **"Aquilo que é mais caro e precioso sôbre tôdas as coisas, ou seja, a castidade e a virtude"** — hoje estão escritas em letras de fogo na minha mente. Foi isto que você exigiu que lhe desse como prova do meu amor!

Fico a imaginar se conseguiria fazê-lo entender, um pouco que seja, o que você me pedia. Você tem tanto orgulho de seu nôvo carro esporte. O que acharia, se alguém lhe pedisse que o desse como prova de sua afeição? Certamente, pensaria ser uma piada. Depois, ao descobrir que a pessoa estava falando realmente sério, saberia que ela deveria estar louca. No entanto, você poderia conseguir outro igual em menos de um ano. Mas, se eu lhe tivesse dado a minha castidade, ter-me-ia arrependido pelo resto da vida. E também você teria perdido sua pureza.

Em Provérbios, diz o Rei Salomão: "Mulher virtuosa quem a achará? o seu valor muito excede o de rubins. O coração do seu marido está nela confiado..." (Prov. 31:10-11) Hoje, tivessem as coisas sido diferentes, e algum dia nos casássemos, poderia você ter inteira confiança em mim? Você sabe a resposta a isso!

Jim, sei que sempre me lembrarei de você, mas agora sinto que não mais poderei confiar em você. Ontem à noite, você tentou destruir minha pureza e amor próprio e a oportunidade de ser verdadeiramente feliz no futuro, em troca de uns poucos minutos de seu prazer e excitação. Aquela sua conversa de eu provar meu amor por você foi uma amarga chacota, uma prova de que não me ama. Você ama sòmente a si próprio.

Elizabeth
(O verdadeiro nome foi omitido)



O Problema do Mal

William E. Berrett

Há uns poucos meses, achava-me sentado à beira do leito de um dos meus melhores amigos que estava morrendo de câncer. Sofria horrìvelmente e eu o lamentava do fundo do coração. Agora, êle já se foi.

Naquela ocasião, recordei um incidente contado pelo Dr. Joseph Sizoo, ocorrido junto à cama de uma garotinha em tal sofrimento, que seus pais estavam desvairados. Diz o Dr. Sizoo: "Sugeri àquêles pais que orássemos, pedindo a Deus sabedoria para o cirurgião, e confiássemos sua única filhinha à guarda daquele, cujos caminhos, embora incompreensíveis, são caminhos de amor. Então, a mãe voltou-se rìspidamente e disse: 'O senhor não pode orar aqui a êsse seu Deus que deixa uma criancinha sofrer tanto assim. Eu não trataria nem um cão dêsse modo.' " **(Make Life Worth Living,** p. 112)

Diàriamente, há pais recebendo mensagem do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que começam nos seguintes têrmos: "Lastimamos ter de informá-los," e uma família inteira é atingida, porque um rapaz pereceu no campo de batalha. Muitas calamidades da natureza assolam o mundo. Faz pouco tempo, um grave terremoto feriu e dizimou numerosas vidas. E recentemente, dois submarinos, cada um com uma equipagem de 40 a 60 homens, sossobraram no Mediterrâneo.

Existe muito sofrimento e males pelo mundo, fazendo muita gente perguntar: "Onde está Deus, para permitir que prossigam as guerras, para deixar que as pessoas se debatam às portas da morte por enfermidades, para permitir que um estu-

O Dr. William E. Berrett, administrador de seminários e institutos de religião da Igreja, tem devotado grande parte de sua vida e seus conhecimentos de advocacia à educação religiosa. É autor de numerosos livros e artigos sôbre a doutrina e história da Igreja.

dante de uma grande universidade suba numa tôrre e, com tiros de rifle, fira colegas que estão passando? Afinal, existe um Deus? E se existe, será que se importa? Ou será impotente para tomar alguma providência?" São estas as dúvidas que, mais cedo ou tarde, surgem na vida de muita gente. E muito depende das respostas obtidas. Creio eu que os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm uma resposta para elas.

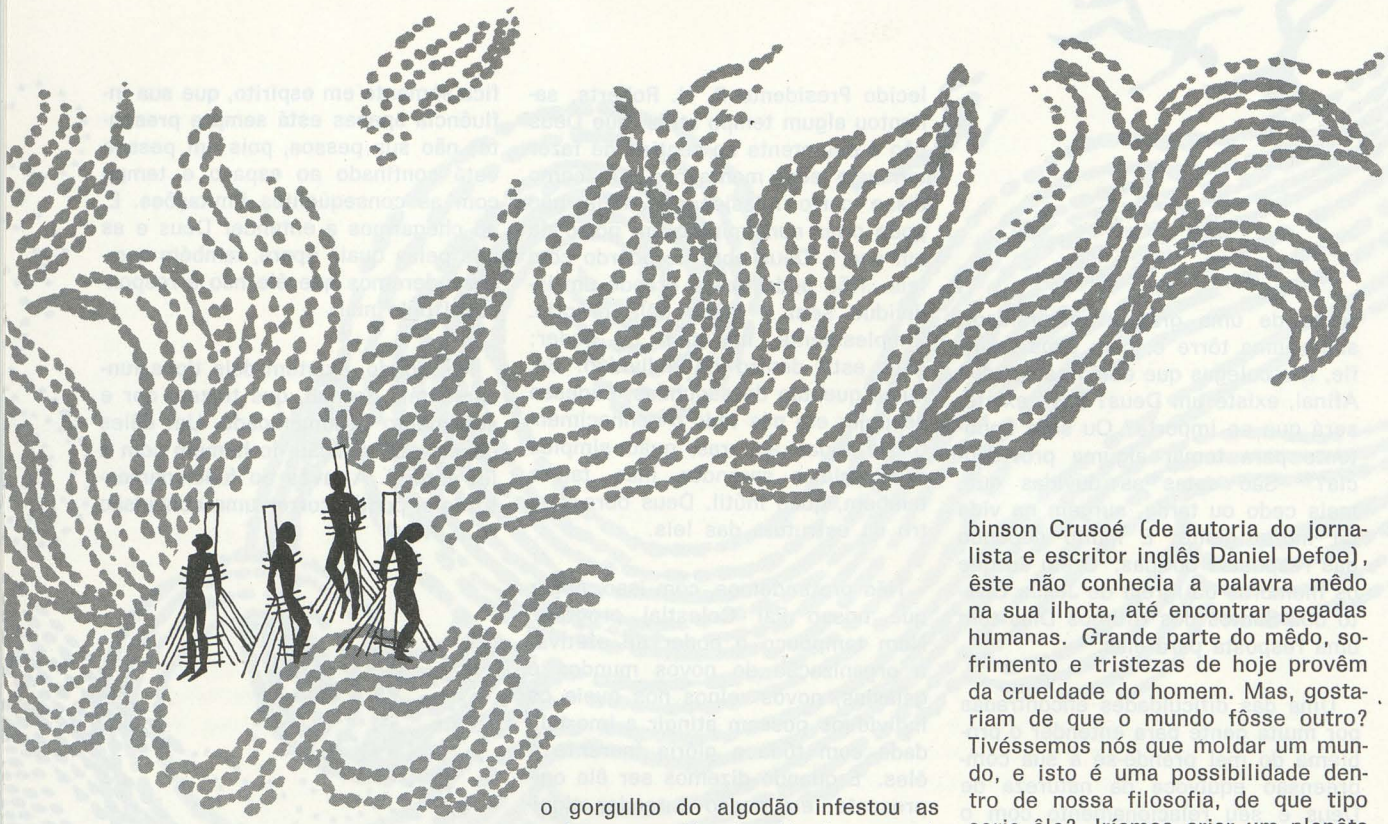
Uma das dificuldades encontradas por muita gente para entender o problema do mal prende-se à sua compreensão equívoca da natureza de Deus e seu relacionamento com o homem. Empregam têrmos que indicam ser êle onipotente, podendo fazer tudo; que é onisciente, conhecendo tudo; que é onipresente, estando em tôda a parte. Êsses são os têrmos com que os cristãos há muito vêm descrevendo a natureza divina. Mas, como um eminente autor, o falecido Presidente B. H. Roberts, salientou algum tempo atrás, que Deus não é onipotente no sentido de fazer um vale sem montanhas. Ou como disse certo missionário: "Êle não pode criar num minuto um potro de um ano." Deus obra de acôrdo com leis. Não pode tornar grande um indivíduo sem a ajuda dêle próprio. Simplesmente, não tem tal poder; êste está dentro do indivíduo. Se, numa questão de segundos, pudesse despejar em nós todo o conhecimento de tôdas as eras, quão simples não seria o aprender, mas, talvez também, quão inútil. Deus obra dentro da estrutura das leis.

Não pretendemos, com isso, negar que nosso Pai Celestial progride. Nem tampouco o poder de efetivar a organização de novos mundos e galáxias, novos reinos nos quais os indivíduos possam atingir a imortalidade com tôda a glória inerente a êles. E quando dizemos ser êle onipresente, em nosso entender significa sòmente em espírito, que sua influência apenas está sempre presente; não sua pessoa, pois em pessoa está confinado ao espaço e tempo com as conseqüentes limitações. E, ao chegarmos a entender Deus e as leis pelas quais opera, também compreenderemos que êle não é responsável pelo mal.

No mundo, existem dois tipos fundamentais do mal, que trazem dor e sofrimento à humanidade. Um dêles decorre da relação do homem com a lei natural. Através do funcionamento dela, pode ocorrer uma convulsão



Ilustrado por Phyllis Luch



terrestre no meio do oceano, provocando maremotos de milhares de quilômetros de amplitude que, atingindo praias distantes, causam destruição e mortes. Isto, anos atrás, aconteceu no Havaí. O raio, às vêzes, atinge homens trabalhando no campo. Tempestades de neve, ocasionalmente, isolam as pessoas em casas e automóveis, podendo levá-las à morte, se não estiverem devidamente agasalhadas e protegidas para resistirem ao frio. Outras são atingidas por enfermidades que as fazem sofrer ou as arruínam fìsicamente para o resto da vida.

Tais ocorrências são, às vêzes, chamadas de males; no entanto, da experiência com essas leis naturais, aprendemos grandes lições. Quando o gorgulho do algodão infestou as culturas nos Estados Unidos, por algum tempo pareceu que a indústria algodoeira americana estava liqüidada. Mas o próprio mal levou cientistas e homens de laboratório a descobrirem meios de combater a praga, tendo como resultado que, atualmente, a cultura do algodão floresce mais do que nunca. Os vagalhões que assolaram o Havaí fizeram com que o homem tomasse providências para que fôsse possível advertir as áreas em perigo com horas de antecedência — e a última ressaca naquelas praias não sacrificou uma única vida.

Dessa forma, aprendemos grandes lições, sem as quais o progresso seria impraticável. Admito que a experiência obtida das fôrças da natureza não é de grande proveito para esta vida, quando a pessoa é morta por elas. Mas, se esta fôsse a única vida a ser vivida, não existiria uma resposta para o problema do mal.

Outro tipo de mal encontrado é aquêle proveniente do tratamento dispensado pelos sêres humanos a seus semelhantes. Na história de Robinson Crusoé (de autoria do jornalista e escritor inglês Daniel Defoe), êste não conhecia a palavra mêdo na sua ilhota, até encontrar pegadas humanas. Grande parte do mêdo, sofrimento e tristezas de hoje provêm da crueldade do homem. Mas, gostariam de que o mundo fôsse outro? Tivéssemos nós que moldar um mundo, e isto é uma possibilidade dentro de nossa filosofia, de que tipo seria êle? Iríamos criar um planêta em que os habitantes não seriam governados por leis? Lembrem-se, não se pode confiar no que não é governado pela lei. Se o sol nascesse um dia, e depois deixasse de aparecer por um ou dois meses, se dois mais dois nem sempre fôssem quatro, que espécie de mundo seria?

O progresso só pode existir num mundo regido por leis — um mundo de leis tão dignas de confiança, que os cientistas podem prever o eclipse de um astro, ou quanto tempo levará um foguete para chegar à lua. O inteiro progresso da raça humana é sòmente possível, por ser êste um mundo regido por leis. Se vocês fôssem Deus, haveriam de interferir nelas? Impediriam que o vento soprasse, porque talvez cause inconveniências a alguns? Fariam a chuva parar, apenas porque desejam ir a um piquenique? Às vêzes, gostaríamos de que Deus interferisse no tempo ou fôrças da natureza que nos cercam, mas se êle as alterasse contìnuamente, poderia chegar a destruir o próprio propósito da nossa existência.

Deus em pessoa tem dito que, se não trabalhar segundo as leis existentes, não é Deus. Os profetas do Livro de Mórmon ensinaram a lei da oposição — que não é possível conhecer o doce sem provar o amargo, apreciar o bem sem ver o mal, sentir a alegria de ter saúde sem conhecer as dores da enfermidade, e usufruir o gôzo da vida eterna sem sofrer a morte. Deus, em sua bondade e sabedoria, trouxe-nos a um mundo em que pudéssemos aprender.

É assombroso quanta gente pelo mundo afora chegou à conclusão de que as desgraças refletem a vontade de Deus. Existe mesmo quem supõe que é pela vontade de Deus que no mundo existem guerras. Nada poderia estar mais longe da verdade. Os céus, sem dúvida, choram devido à desumanidade do homem para com o homem. O Salvador, quando habitou a terra na carne, ensinou-nos estas coisas claramente.

Na parábola do joio e do trigo, conta como os servos do proprietário foram ao campo semear. Quando o trigo germinou, apareceu entre êle também o joio. Então, disse o servo ao patrão: "Queres pois que vamos arrancá-lo?", ao que respondeu: "Não; para que ao colhêr o joio não arranqueis também o trigo com êle. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-os no meu celeiro." (Mateus 13:28-30) Não, a pessoa atingida pelo raio no campo não o foi, porque Deus quis destruir um iníquo. Não foi pela vontade de Deus que tal homem foi atingido. Deus não fere de pronto os iníquos, mas permite que êstes e os justos vivam juntos. Faz chover sôbre o justo e o injusto, para que haja um julgamento imparcial no dia da ceifa.

Certa ocasião, alguns céticos contaram a Jesus o caso dos 18 homens que estavam comendo à sombra dos muros da tôrre de Siloé, quando esta desabou e os matou. Na verdade, o que queriam saber era: "Seriam êles mais iníquos do que os demais habitantes da cidade?" Ao que Jesus respondeu: "Não, vos digo: antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis." (Lucas 13:5) e noutra ocasião, vieram a êle, dizendo que certos homens estavam reunidos nos arredores do templo, quando soldados romanos, julgando que estivessem fomentando uma rebelião, caíram sôbre êles e os mataram. Então, Jesus disse: "Cuidais vós que êsses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo..." (Lucas 13:2-3)

Durante a II Guerra Mundial, houve em Sião quem prometesse aos nossos rapazes de partida para os campos de batalha que, se guardassem os mandamentos de Deus, não seriam destruídos, voltando em segurança para seus lares. A Primeira Presidência da Igreja, em reunião especial realizada no salão de assembléia do Templo de Salt Lake, apresentou importante mensagem acêrca dessa questão. Coube ao Presidente David O. McKay, então conselheiro na Primeira Presidência, ler à Igreja esta mensagem na qual ela deixava claro que, em caso de guerra, não são mortos sòmente os culpados; o justo, tanto quanto o injusto, pode encontrar-se no trajeto da granada ou projétil e, assim, encontrar a morte. Não devemos julgar que nos campos de batalha, caem sòmente aquêles que violaram os mandamentos de Deus.

Deveríamos ler e reler o capítulo 60 de Alma, em que se encontra uma carta escrita por um grande general do nosso continente, o primeiro Morôni, ao governador Pahoran. Respondendo a uma carta recebida, na qual o povo fazia suposições inverídicas, dizia Morôni: "Supondes que a morte de muitos de vossos irmãos tenha sido causada por sua própria maldade? Eu vos digo que, se isto pensastes, pensastes em vão. Pois digo-vos que muitos são os que morreram sob a espada; e eis que isso impõe a vossa condenação.

"Porque o Senhor permite que os justos morram para que sua justiça e castigo caiam sôbre os maus..." (Alma 60:12-13) Eis aqui um profeta e general que era também realista. Êle sabia o que estava acontecendo. Mas, depois aborda um fato importante: "... não deveis supor que os justos se tenham perdido por terem morrido; eis que foram apenas descansar no repouso do Senhor seu Deus." (Alma 60:13)

Chego a ter dó dos que, neste mundo, não sabem que viverão novamente. Como não devem sentir o coração despedaçado, quando falece um ente querido! Quanta felicidade nos traz o entendimento de que o justo que morre neste mundo de dor, é recebido em glória. Choremos por aquêles que não têm esperança de glória.

Poderia, então, alguém desejar que Deus cancelasse as leis que impelem o projétil ou fazem com que se formem os maremotos? Um mundo sem leis imutáveis perderia qual-

quer sentido. Ou desejaríamos tirar o livre-arbítrio do indivíduo? Querer que Deus impedisse o homem de guerrear um com o outro?

O plano de Satanás teria impedido que o homem agisse incorretamente, mas também não permitiria nenhum progresso pessoal. Deus decidiu não tirar o livre-arbítrio do homem. Mas a sociedade pode fazê-lo. Não nos permitimos a liberdade mútua de fazer o que queremos — temos leis para circunscrever nossas ações. Mas o Senhor nos permite agir como nos agrada; não nos cerceará, se nosso coração nos impelir ao mal. Suponho que o momento em que Deus sentiu-se mais tentado a interferir no livre-arbítrio do homem foi quando seu Filho estava sendo crucificado e clamou em agonia: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46) Mas, ainda assim Deus se conteve, negando-se a exercer seu poder, pois, se fôsse interferir tôda vez que o homem está para agir mal, êle seria responsável pelas ações de todos os homens, e não poderia haver julgamento.

No Livro de Mórmon, encontramos um relato muito relevante para essa questão do julgamento. O profeta Alma com seu companheiro missionário Amuleque converteram certo número de pessoas em determinada área. Mas a grande maioria do povo que não tinha sido convertida, perseguiu os conversos, prendeu-os a estacas rodeadas de palha à qual lançaram fogo. Levaram Alma e Amuleque presos, para testemunharem o holocausto dos que haviam convertido. Então, Amuleque disse a Alma: "Como podemos presenciar esta cena horrível? Estendamos nossas mãos e exerçamos o poder de Deus que está em nós, a fim de salvar esta gente das chamas."

"Mas disse-lhe Alma: O Espírito me constringe a não estender a minha mão..."

Êle não duvidava do poder de Deus para libertar a êles ou aos conversos, pois prosseguiu: "... o Senhor os receberá em glória; e permite que o povo lhes faça isto, segundo a obstinação de seus corações, para que os julgamentos a que em sua cólera os submeter sejam justos; e o sangue do inocente servirá de testemunho contra êles, sim, e clamará fortemente contra êles no último dia." (Alma 14:10-11)

Como poderíamos submeter a julgamento um homem, se constantemente interferimos em suas ações? Então, não poderia haver justiça no dia do julgamento. Talvez precisemos rever os eventos e captar o espírito das seções 121 e 122 de Doutrina e Convênios. O Profeta Joseph Smith e seus companheiros estavam presos na cadeia de Liberty, Missouri, numa cela de aproximadamente 4,25 m por 4,50 m.

Em cada lado, havia como janela uma fresta de uns cinco centímetros de largura. Fazia frio intenso e não havia aquecimento algum; durante a noite, mantinham-se em constante movimento para não se congelarem, não podendo sequer dormir. Recuperavam um pouco do sono no meio do dia, quando lhes jogavam dois ou três cobertores esfarrapados. A comida fornecida era asquerosa. Contudo, o pior eram as histórias ouvidas dos guardas acêrca de seus lares saqueados, destruição do gado e perseguição das mulheres. Finalmente, Joseph Smith clamou: "Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo? Quanto tempo reterás a tua mão, e o teu ôlho, sim, e o teu ôlho puro, contemplará dos eternos céus as ofensas contra o teu povo...? (D&C 121:1-2)

Às vêzes, em agonia espiritual, temos vontade de clamar a Deus: "Ó Deus, onde estás? Será preciso suportarmos êstes sofrimentos?" O Profeta recebeu esta resposta do Senhor: "Meu filho, paz seja com a tua alma? a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento... Ainda não estás como Jó; teus amigos não contendam contra ti..." (D&C 121:7, 10)

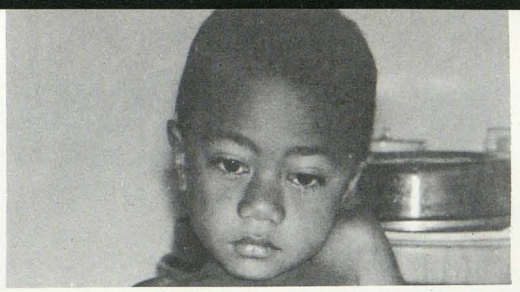
Em seguida, o Senhor lembrou a Joseph Smith que "o Filho do Homem sujeitou-se a tôdas elas. És tu maior do que êle?" (D&C 122:8)

"... Saibas tu, meu filho, que tôdas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem." (D&C 122:7) Nesta mensagem, encontramos uma notável filosofia. E desde aquêle fato, Joseph Smith nunca mais se queixou. Sim, no mundo existe muita miséria. Mas é preciso que digamos como Paulo: "Se não fôsse por nossa esperança em Cristo, seríamos os mais miseráveis de todos os homens." (Veja I Cor. 15:19. Tradução direta da versão da Bíblia do Rei Tiago. N do T.)

O Evangelho nos provê de uma filosofia que permite enfrentarmos tudo o que a vida pode trazer, tanto de bom como de mau, com a convicção de que tôdas essas coisas nos darão experiências, que serão para o nosso bem. Que filosofia abençoada — que maravilhosa verdade!

Ela Mae não viu o grande caminhão





Pasili estava com mêdo e muito triste

Angel e sua mãe podem agora sorrir



O Hospital Infantil da Primária Avança a Passos Largos

Bernell W. Berrett

Há muito que o Hospital Infantil da Primária ocupa um lugar de liderança no Oeste da América. De agora em diante, deverá desempenhar um papel ainda maior, estendendo seus benefícios a milhares de crianças de tôda a parte do mundo." São palavras do Bispo Robert L. Simpson, membro do Bispado Presidente. Como presidente da junta de provedores do referido hospital, está profundamente empenhado no contínuo desenvolvimento do que costuma chamar "êste incomparável refúgio para crianças necessitadas de cuidados médicos."

"Ao apresentarmos nossas metas e objetivos," diz êle, "estamos confiantes de que muitas pessoas, tanto membros como não-membros, terão prazer em colaborar financeiramente, para possibilitar um nôvo e maior progresso."

A Irmã LaVern W. Parmley, presidente da junta geral da Primária e vice-presidente da junta diretora, acrescenta: "Na realidade, êste hospital pertence a milhares e milhares de pessoas. É um símbolo de amor, serviço e fé para os que têm ajudado a construí-lo e mantê-lo."

Em outubro de 1969, foi organizado o Comitê de Dotação do Hospital Infantil da Primária, encarregado de levantar dez milhões de dólares nos próximos dez anos, para a sua imprescindível expansão e melhoria. É presidido por Lewis M. Jones, tendo como diretor Tahyer D. (Turk) Evans, cuja voz vibra com entusiasmo e convicção, quando fala dêsse grande sonho, como se já fôsse realidade:

"Nossos enormes planos, porém, não excedem o necessário," afirma. "Em 1959, o total de admissões somou a pouco mais de 1 000. Em 1969 — apenas dez anos mais tarde — admitimos aproximadamente 8 000 crianças. Em 1959, sòmente 588 pacientes foram operados no hospital, contra 5 783 operações realizadas no ano passado. Geralmente, muita gente fica surprêsa ao saber que mais

de 250 médicos, representando a maior parte dos campos especializados, integram a equipe hospitalar."

O propósito do fundo de dotação é facultar uma renda em bases contínuas para atender a um aumento de operações, proporcionar assistência financeira aos pacientes além da provida pelas contribuições da Primária, expandir serviços já existentes, instituir novos serviços importantes, financiar modernos equipamentos especiais e projetos de construção.

Qualquer criança, independente de raça, religião ou nacionalidade, é atendida. Embora a maior parte dos pacientes provenha da região das Montanhas Rochosas, no ano passado foram admitidas de 27 Estados e muitos países estrangeiros. A idade dos pacientes geralmente varia da primeira infância a 18 anos de idade.

Os serviços hospitalares estão crescendo mais depressa do que as instalações e o pessoal atendente. Um dêsses serviços importantes é o relacionado com a saúde mental. A seção psiquiátrica, a cargo do Dr. Paul L. Whitehead, registrou no ano passado acima de 20 000 consultas de pacientes de ambulatório, envolvendo cêrca de 500 famílias. O Dr. Whitehead é um médico jovem, atraente e dedicado. "Não existe trabalho mais compensador ou satisfatório," diz êle. "Estima-se que cêrca de 20% das crianças de hoje em dia carecem de algum tratamento mental. Dêsses, consideramos cêrca de 10% como distúrbios sérios e 1%, grave. É trágico quando tais carências não podem ser atendidas, porque 85% das crianças por nós tratadas demonstraram marcantes progressos, capacitando-as a conseguir um ajustamento feliz e produtivo.

"Permitam-me apresentar-lhes apenas uns poucos exemplos," prossegue o Dr. Whitehead." Certo rapaz de 14 anos, ao observar o arranjo de decorações de Natal no dia seguinte ao de Ação de Graças (Comemorado geralmente na última quinta-feira de novembro. N do T.), foi acometido de súbita cegueira. O exame psiquiátrico revelou que tais decorações lembraram-lhe o pai que havia falecido um ou dois anos antes. Após convencer-se de que recuperaria a visão, desde que resolvesse aceitar inteiramente o acontecido, o rapaz voltou a enxergar tão repentinamente quanto a perdera. Atualmente, é um escoteiro graduado e ótimo aluno.

"Uma garôta tristonha de 12 anos foi entregue aos nossos cuidados, porque emagrecera 20 kg, encontrando-se em estado de grave depressão. Também ela sofria pela morte do pai e, aparentemente, desejava morrer para poder ficar com êle. Após três meses de tratamento diário pela psicoterapia, havia recuperado o pêso perdido e estava em condições de voltar à escola. Durante mais nove meses, continuou sendo tratada como paciente de ambulatório e atualmente está indo muito bem.

"Tivemos também um menino de nove anos, extremamente tempestuoso, que fôra excluído da escola devido à sua conduta rebelde e injuriosa. Havia sido submetido a uma disciplina inconsistente, e grande parte de seu ressentimento voltava-se contra o pai e os problemas no lar. Depois do tratamento diário de um ano, incluindo psicoterapia para êle e recomendações aos pais, foi readmitido na escola, e seu aproveitamento está em franco progresso."

Casos tocantes acontecem contìnuamente no hospital. Vejam o de Ella Mae, a tímida garotinha navajo de apenas dois anos, atropelada por um caminhão, exatamente quando estava aprendendo a andar. Ao chegar aqui, mostrava-se solitária e amedrontada; mas a bondade dos médicos e atendentes logo a fizeram brincar de esconde-esconde com êles, sempre a se denunciar com seus risinhos abafados, escondida de pé debaixo da caminha de grade, com auxílio dos aparelhos ortopédicos e muletas.

E o de Angel, um menino chileno de quatro anos, que teria apenas umas poucas semanas de vida, se não se submetesse a uma operação cardíaca. Certas complicações, incluindo hemorragias decorrentes de uma úlcera gástrica, causaram muita preocupação aos médicos e enfermeiras responsáveis por êle. Mas, atualmente, Angel ri feliz, exibindo um dos mais cativantes sorrisos encontrados nas belas montanhas chilenas.

Um pai desesperado na República do Alto Volta, África, escreveu ao Presidente David O. McKay: "Senhor Presidente, imploro que me escute. Ouça os gritos de socorro de um pobre pai." Seu filhinho, Didier, devido a graves queimaduras, ficara com o braço esquerdo aderido ao corpo, de modo que o garôto não mais po-

dia erguê-lo. Didier chegou à Cidade de Lago Salgado por cortesia de uma emprêsa aérea. Depois de submetido à cirurgia plástica e muitos cuidados amorosos, o menino voltou a mover o braço. Seu médico redigiu a seguinte nota:

"Didier saiu-se bastante bem aqui e gostamos imensamente dêle. Êle conquistou os corações de tôda a equipe. Freqüentou a escola do hospital e agora já fala razoàvelmente o inglês, e não é sem certo pesar que lhe damos alta para voltar à pátria."



Didier não podia usar o braço

Pouco depois, chegou ao hospital uma carta da África, na qual dizia o pai: "Nosso Didier chegou aqui no dia 27 de setembro, saudável, e feliz por nos encontrar esperando no aeroporto. Ao descer do avião, levantou o braço, abanando a mão para nos mostrar que estava totalmente recuperado. Não conseguíamos acreditar! Era um milagre! Sua mãe chorava, seus irmãos e irmãs menores não paravam de pular de alegria, e os colegas de escola gritavam: "Vivam os americanos!" Isto é, na verdade, uma recordação que ficará guardada no fundo de nossos corações."

O espaço não permite incluir as centenas de histórias similares, vejamos sòmente um último caso. Pasili era um garotinho muito infeliz. Afinal, tinha apenas três anos e meio, estava sòzinho, muito longe do seu lar em Tonga. Não conseguia entender as enfermeiras, e vice-versa. Mas a linguagem do amor vence qualquer barreira. Não demorou e estava seguindo as enfermeiras por tôda a parte e retribuindo a amizade delas.

Pasili sofria de uma deformidade gastro-intestinal que provocara um quisto enorme, distendendo seu abdômen em proporções alarmantes. A operação a que foi submetido levou várias horas, durante as quais os cirurgiões corrigiram a deformidade e removeram o quisto. Hoje, já está totalmente recuperado.

Quando em Tonga correu a notícia de que Pasili estava para voltar, quase a aldeia inteira acorreu ao aeroporto, para resolver de imediato uma controvérsia surgida. Muitos insistiam em que Pasili não estaria a bordo do avião, que sua volta era apenas um boato cruel. Outros diziam que, depois de passado tão pouco tempo, êle não poderia estar bem ou muito diferente do que fôra. Alguns acreditavam que os médicos americanos poderiam fazer qualquer coisa.

Pasili, porém desceu do avião tão alegre e normal como qualquer das crianças presentes.

Céticos ou não, todos sorriam igualmente, e os pais não precisaram de palavras para suplementar suas lágrimas de felicidade.

Médicos, enfermeiras e demais funcionários do Hospital Infantil da Primária possuem um espírito de serviço que se estende muito além das horas de trabalho exigidas em retribuições monetária. Muitos dêles adotaram crianças como resultado do mútuo amor que nasce ali com tanta freqüência. Inúmeros voluntários prestam serviço, seguindo a tradição daquele dentista que, certa vez, foi abordado por um estranho do lado de fora do hospital, que lhe perguntou: "Quanto o senhor recebe por todo o tempo que gasta aí?" O dentista levantou os olhos para uma janela, onde diversas crianças, o nariz espremido contra a vidraça, sorriam abanando as mãos. "Eis o meu pagamento," disse. "É todo o pagamento de que um homem necessita."

Êste hospital percorreu um longo caminho desde o ano de 1911, quando a Associação da Primária decidiu prover uns poucos leitos para crianças no Hospital SUD. O Abrigo de Convalescentes em North Temple Street, inaugurado em 1922, serviu como hospital infantil até que a atual instituição foi dedicada, em 1952. Uma nova ala foi terminada em 1966.

Agora, com o início do programa de dotação, o Hospital Infantil da Primária visa um objetivo mais amplo do que atender a um limitado número de crianças enfêrmas. Deverá tornar-se um importante centro médico-educacional, cuja influência será sentida pelo mundo afora.

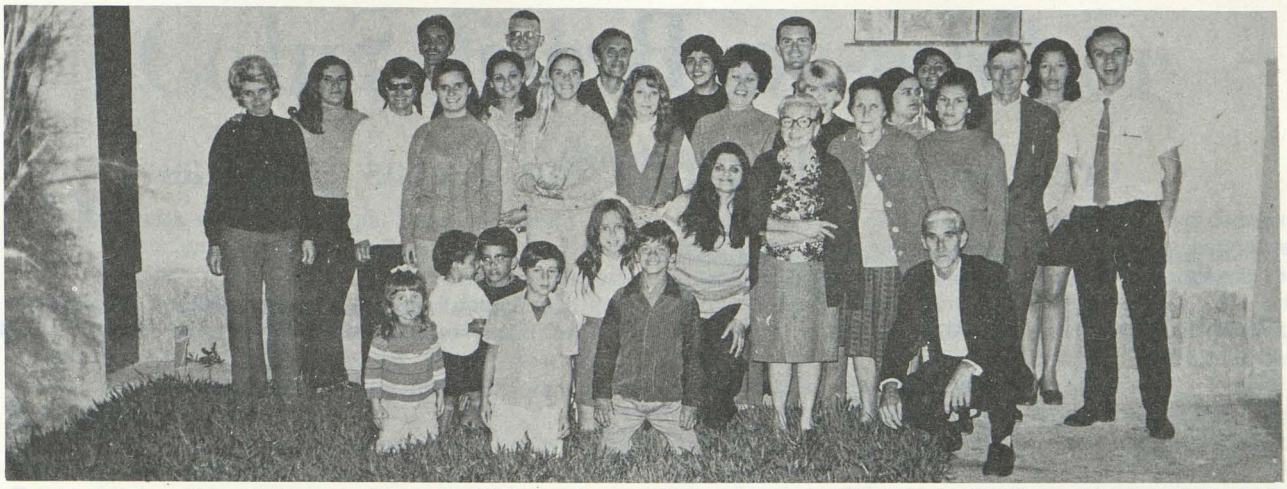
Missão Brasil Central

"Portanto, pelos seus frutos os conhecereis."

Mateus 7:20

(*) Não estão computadas neste gráfico as assinaturas de exemplares enviados pelo correio, o que será feito a partir do próximo mês.

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	Assinantes d'A Liahona	MISSIONÁRIOS Integral	CONVERSÕES Outubro	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	44	4	2	52
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Benjamin O. Almeida	20	4	4	49
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	63	6	16	70
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Mituo Ikemoto	30	4	3	68
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	12	2	2	23
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	26	6	10	99
Sorocaba I	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	20	4	12	135
Sorocaba II	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	2	4	8	24
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	15	2	2	22
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	4	2	2	19
Osasco	R. Caldus Taio, 265	João M. de Souza	26	2	2	28
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	6	2	1	10
ESTACA SÃO PAULO	**R. Brig. Faria Lima, 1980**	**WALTER SPÄT**	**268**	**42**	**64**	**599**
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	23	6	4	105
Ala II — Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	44	4	—	70
Ala IX — V. Maria	Av. Guilherme Cotching, 129	Frederico M. Puertas	19	2	—	23
Ala X — Penha	R. Rodovalho Júnior, 666	José M. Rodrigues Filho	32	6	8	86
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Wagner dos Santos	47	6	6	97
Cambucí	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	17	2	—	11
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Edgar Nascimbeni	6	4	1	28
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. de Souza	10	4	2	5
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	Elio M. Moraes	11	4	—	23
ESTACA S. PAULO LESTE	**R. Ibituruna, 82**	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**209**	**38**	**21**	**448**
Ala de Santo André	R. Catequese, 432	João Fin	67	6	9	97
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	Joaquim Martinez	27	8	6	98
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Armando Jekabson	34	4	3	63
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Mario S. Azevedo	6	2	—	23
Mauá	R. Alvares Machado, 19	Victor V. Vespolli	1	2	4	14
Santo André II	R. Catequese, 432	Mario Mazzaro	—	2	—	—
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Walfrido A. Silveira	6	2	3	20
São Caetano	R. Maranhão, 944	Antonio J. Padula	15	2	4	11
ESTACA SÃO PAULO SUL	**R. Catequese, 432**	**SAUL M. DE OLIVEIRA**	**156**	**28**	**29**	**326**
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Elésio Ribeiro	3	2	—	16
Campinas II	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	Eduardo C. Nalli	11	2	1	14
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Álvaro Cunha	9	2	2	34
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Jesus P. Busto	2	2	12	61
Jundiaí	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	9	2	—	9
Piracicaba	R. Morais Barros, 369	Nelson Gonçalves	14	2	2	18
Rio Claro	R. Seis, 1438	Michael Groesbeck	13	2	1	10
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	5	2	—	8
DISTRITO DE CAMPINAS	**R. Frei Manoel Ressurreição, 696**	**EVALDO MARTINS**	**66**	**16**	**18**	**170**
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	15	4	—	35
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Roberto Andelin	3	2	1	24
Marília	R. Lima e Costa, 318	Masakazu Watabe	1	2	3	25
Ribeirão Prêto	R. São Sebastião, 1003	Orivaldo dos Santos	17	6	4	55
DISTR. DE ARARAQUARA	**R. Voluntários da Pátria, 1209**	**JALAL SAMAHA**	**36**	**14**	**8**	**139**
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Jair de Oliveira	10	4	5	56
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Michael Deputy	2	4	5	23
São José do Rio Prêto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	6	4	1	25
DISTRITO DE ARAÇATUBA	**R. Luiz Pereira Barreto, 245**	**HORÁCIO SAITO**	**18**	**12**	**11**	**104**
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	8	2	3	12
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	João Finardi	7	2	—	18
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Ciro L. da Silva	—	2	5	18
DISTRITO DE LONDRINA	**R. Belo Horizonte, 1236**	**GUNTHER SALIK**	**15**	**6**	**8**	**48**
Curitiba I	Av. Iguassu, 1460	Jorgi Aoto	10	4	5	83
Curitiba II	R. Gottlieb Muller, 96	Enos de Castro Deus	19	2	1	71
Curitiba III	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	17	4	2	33
Curitiba IV	Av. Iguassu, 1460	Leví Gaertner	12	4	7	69
Curitiba V	R. Gottlieb Muller, 96		10	4	6	27
Curitiba VI	R. Bonifácio Vilella,	Rosaldo Gaertner	13	2	5	55
Curitiba VII	R. Bonifácio Vilella,	Bruno Smatz	1	2	3	10
DISTRITO DE CURITIBA	**R. Gottlieb Muller, 96**	**JASON GARCIA SOUZA**	**82**	**22**	**29**	**348**
MISSÃO BRASIL CENTRAL	**R. Henrique Monteiro, 215**	**SHERMAN H. HIBBERT**	**850(*)**	**178**	**188**	**2182**



Na foto, membros do Ramo de Teresópolis-MBN, quando presididos pelo missionário João A. Bonatti, o último à direita.

Brasileiros Participam da Evangelização do País

João A. Bonatti

A **palavra mórmon** soava-me de maneria bem estranha, não como algo mau; sentia, entretanto, exercer em mim uma estranha influência. Numa tarde, ao chegar do trabalho, tive a oportunidade de assistir na TV, a um filme sôbre o Côro do Tabernáculo. Gostei imensamente, e, embora não soubesse por que, senti uma profunda emoção ao ver um belo edifício, que posteriormente vim a saber que se tratava do Templo de Salt Lake.

Na área onde moro, anos atrás entrei em contato com dois jovens que denotavam expressão jovial e feliz. Em conversa, perguntei-lhes se eram estudantes estrangeiros, e responderam-me serem missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Igreja Mórmon. Ao ouvir essa palavra **mórmon,** de imediato liguei-a ao filme que vira, e comentamos ràpidamente a respeito. Manifestei interêsse em melhor conhecer os Mórmons e ficaram de visitar-me futuramente, mas o tempo foi passando e não tive oportunidade de revê-los. Por fim, já cursando a faculdade, travei contato com um senhor e, vez por outra, nos encontrávamos em sua casa para estudar. Em conversa, sua espôsa falou-me de Deus de maneira tão sublime como jamais antes ouvira falar. Deu-me ela, na oportunidade, um panfleto do testemunho de Joseph Smith que li naquela mesma noite.

Após êsse contato, minha família foi visitada por missionários, e, seis semanas após, éramos todos batizados. Senti desde aí desejo de poder, um dia, vir a tornar-me como aquêles jovens e ser comissionado a levar a outrem o que me fôra ensinado.

Um ano e meio foi exatamente o tempo que levei para preparar-me e ser chamado a servir como missionário proselitista. Estive nas diversas unidades da MBN, tendo por último, servido como Presidente do Ramo de Teresópolis. De início, essa responsabilidade fêz com que me sentisse um tanto temeroso, mas achava-me como Salomão, que, ao receber sôbre seus ombros o Reinado de Israel, pediu ao Senhor que lhe desse sabedoria para bem conduzir seu povo.

Ao término de meu tempo como missionário, asseguro que nunca fui tão feliz em minha vida, e desejo que cada jovem possa ter a oportunidade de servir ao Senhor no campo proselitista.

João A. Bonatti, membro da Ala I — Sorocaba - ESP, recentemente terminou sua missão, tendo servido em diversas unidades da MBN, atuando como líder de um distrito de missionários, em Recife, e posteriormente Presidente de Ramo.

Missão Brasil Sul

crescimento da Igreja em terras gaúchas

(*) Não estão computadas neste gráfico as assinaturas de exemplares enviados pelo correio, o que será feito a partir do próximo mês.

RAMOS/DISTRITOS	ENDERÊÇO	PRESIDENTES	N.º de Membros	Assinantes d'A Liahona	MISSIONÁRIOS Distr.	MISSIONÁRIOS Integral	CONVERSÕES Novembro	CONVERSÕES Total
Bagé	Av. Gal. Osório, 845	Richard Pettingill	280	—	—	2	1	6
Dom Pedrito	Av. Rio Branco, 1040	Wayne Borgenson	16	—	—	2	—	16
Livramento	R. 24 de Maio, 247	Luis A. de Barros	491	3	—	4	13	30
Distrito de Bagé	**R. 24 de Maio, 247**	**Salvador Santana**	**787**	**3**	**—**	**8**	**14**	**52**
Criciuma	R. Henrique Lages, 503	Paulo de Oliveira	133	9	—	2	—	3
Florianópolis	R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.	João Raulino	275	10	—	6	3	23
Tubarão (dependente)	R. S. Manoel - Gal. Pio XII, Apto. 302	Craig Tallot	—	—	—	2	—	2
Distrito de Florianópolis	**R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.**	**Bruno Espíndola**	**408**	**19**	**—**	**10**	**3**	**28**
Ipoméia	Estr. Videira, s/n.º	Heinrich Blind	49	5	—	—	—	7
Pôrto União	R. Manuel Ribas, 100	Lino L. Alves	289	2	—	2	—	8
Distrito de Ipoméia	**Estr. Videira, s/n.º**	**Elias L. Alves**	**338**	**7**	**—**	**2**	**—**	**15**
Blumenau	R. Floriano Peixoto, 75	David Henderson	53	—	—	2	1	1
Itajaí	R. Lauro Muller, s/n.º	Dale Brinkerhoff	81	1	—	2	2	4
Joinville	R. Max Colin, 426	Ceslav Gontarsyck	293	23	—	2	3	6
Distrito de Joinville	**R. Max Colin, 426**	**Oscar Piske**	**367**	**24**	**—**	**6**	**6**	**11**
Caràzinho	R. Flôres da Cunha, s/n.º	Waldomiro Radtke	63	—	—	2	1	18
Erechim	R. 7 de Setembro, s/n.º	Celso Capudi	188	6	—	4	2	38
Passo Fundo	Av. Brasil, 576	Norberto S. Marques	175	4	—	4	4	19
Distrito de Passo Fundo	**R. 7 de Setembro, s/n.º**	**Celso Capudi Filho**	**426**	**10**	**—**	**10**	**7**	**75**
Pelotas	R. Princesa Isabel, 86	Paulo Pawlenko	792	21	—	4	—	22
Rio Grande	R. Aquidaban, 621	José dos Santos	286	—	—	4	4	18
Distrito de Pelotas	**R. Princesa Isabel, 86**	**Frederick Blind**	**1078**	**21**	**—**	**8**	**4**	**40**
Cachoeira do Sul	R. Saldanha Marinho, 644	Miracildo B. de Quadros	158	11	—	4	—	18
Canôas	R. 15 de Janeiro, s/n.º	Antônio Krieger	275	11	2	4	—	25
Guaíba		Ray Parker	—	—	—	—	—	9
Pôrto Alegre I	R. Marquês do Herval, 349	Marciano Schneider	746	16	4	6	1	58
Pôrto Alegre II	R. Princesa Isabel, s/n.º	Leonildo G. Ôliveira	670	6	1	6	2	54
Pôrto Alegre IV	R. Princesa Isabel, s/n.º	Nelson Delvaux	688	9	4	6	2	44
Pôrto Alegre V	R. Adão Baino, 330	Dorival B. Kunz	123	1	2	6	5	44
Pôrto Alegre VI	R. Sta. Maria, 80	Thomas Rudolph	684	2	6	2	5	19
Pôrto Alegre VII	R. Gen. Rondon, 42	Ivo da Silva	351	6	4	4	11	30
Distrito de Pôrto Alegre	**R. Marquês do Herval, 349**	**Joaquim da Costa e Silva**	**3595**	**62**	**23**	**38**	**26**	**301**
Cruz Alta	R. Coronel Pilar, 590	James R. Hales	164	—	—	2	2	3
Santa Maria	R. Vale Machado, 1678	Euclydes Gonçalves	240	4	—	4	3	8
Distrito de Santa Maria	**R. Vale Machado, 1678**	**Gidean Gay**	**404**	**4**	**—**	**6**	**5**	**11**
Santa Rosa	R. Mal. Floriano, 2102	Keith Evans	45	1	—	2	—	3
Santo Ângelo	R. Buenos Aires, 59	Décio Oliveira	30	3	—	4	3	14
Distrito de Santo Ângelo	**R. Mal. Floriano, 2102**	**Keith Evans**	**75**	**4**	**—**	**6**	**3**	**17**
Caxias do Sul	R. Júlia de Castilhos, 876	Luiz C. Coronetti	111	5	—	4	4	6
Lages	R. João de Castro, 451	Dennis Dexter	105	4	—	2	1	3
Montenegro (dependente)		John Williams	—	—	—	2	—	—
Nôvo Hamburgo	R. Pedro Adams, 5355	Reinaldo Grahl	168	2	—	4	3	21
São Leopoldo	R. Theodomiro Fonseca, 484	Leopoldo A. Moraes	183	3	—	4	—	16
Vacaria (dependente)	R. Dr. Flôres, 157	John Pottenger	—	—	—	—	—	10
Distrito de São Leopoldo	**R. Pedro Adams, 5355**	**Darcy Garcia da Silva**	**567**	**14**	**—**	**16**	**8**	**56**
Alegrete	R. Valdemar Masson, 85	Avelino P. Pereira	446	—	—	4	3	23
São Borja	R. Gal. Marquês, 1355	Ovidio P. Loureiro	102	2	—	2	2	22
Uruguaiana	R. 7 de Setembro, 1915	Brent Archibald	266	6	—	2	—	7
Distrito de Uruguaiana	**R. 7 de Setembro, 1915**	**Randell Wilkinson**	**814**	**8**	**—**	**8**	**5**	**52**
MISSÃO BRASIL SUL	**R. Dr. Flôres, 105, 14.º and.**	**ORSON P. ARNOLD**	**8859**	**176(*)**	**23**	**118**	**81**	**658**

Convertidos ao Senhor

Geraldo Maia

Por volta de 1961, meu pai tinha por hábito convidar uma dúzia de amigos para nossa casa quase tôdas as noites, para beberem e assistirem a lutas de box. Costumava dizer à minha mãe que quando eu crescesse, levar-me-ia para mostrar-me o mundo e dar-me a conhecer certas coisas. Ao ouví-lo, minha mãe empalidecia, mas, para meu pai, era isto o que ser homem significava.

Certo dia, dois jovens bateram à nossa porta e nos disseram que eram missionários da Igreja de Jesus Cristo. Minha mãe convidou-os a entrarem, supondo que fôssem da igreja a que pertencia, uma vez que, na sua opinião, esta era a Igreja de Jesus Cristo. À medida que explicavam sôbre o Evangelho, minha mãe pôde perceber que não eram da igreja a que pertencia. E quando falaram de um profeta vivo, convenceu-se de que haveria de ser um dos falsos profetas de que fala a Bíblia. Não obstante, deixou-os ficar, pois queria que meu pai adotasse uma religião.

Meu pai examinara muitas religiões e julgava-as falsas. Irritava-se tôda vez que mamãe ia à Igreja. Quando os missionários terminaram sua breve explanação, papai disse que não estava interessado. Mesmo assim, os élderes continuaram-nos visitando com freqüência e lembro-me de que uma vez ajudaram papai a pintar uma parede. Foi tal a sua persistência, que, finalmente papai resolveu receber as lições.

Enquanto meu pai apreciava as lições, minha mãe fingia aceitá-las, apenas para encorajá-lo. Começamos a freqüentar a Igreja e mesmo sem sermos batizados, meu pai aceitou encargos. Quando os missionários foram transferidos, um dêles disse ao meu pai: "Você ainda será batizado e tornar-se-á presidente de ramo."

Um dia, novos missionários vieram à nossa casa e disseram: "Jejuamos bastante e sabemos que vocês estão prontos para o batismo. Sabemos que sentem que a Igreja é verdadeira; já receberam tôdas as lições. Mas há um problema e não sabemos qual é. Gostaríamos de que nos dissessem." Pela primeira vez, meu pai pôs de lado o orgulho e confessou que, embora tivesse abandonado a bebida e tudo o mais, não conseguia deixar de fumar.

Élder Roberts apanhou o maço de cigarros de papai, amassou-o e atirou-o pela janela afora. "Isso não adianta, élder," disse papai, "tão logo eu não mais puder resistir à tentação, comprarei outro maço." "Claro que o fará, Irmão Orlando," respondeu o élder. "Mas já que não tem encontrado fôrças na terra para deixar de fumar, peça-as com fé ao Pai Celestial e êle lhas dará."

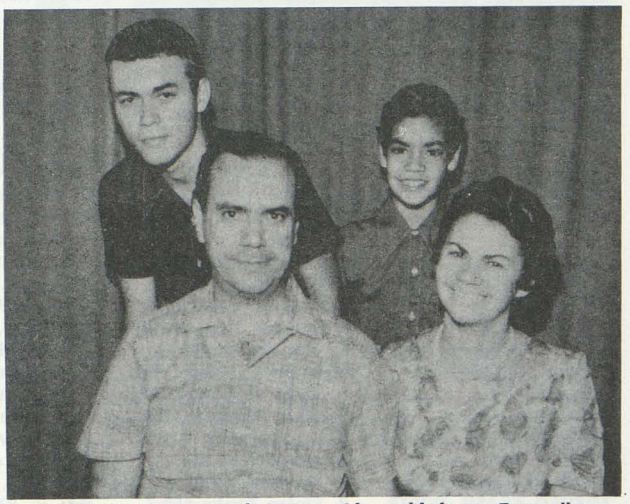
Ajoelhamo-nos e oramos juntos, cada um por vez. Quando meu pai orou, todos pudemos sentir a influência do Espírito Santo e, ao terminar, disse: "Jamais tornarei a fumar, élder. Quero ser batizado."

Seis meses após a primeira visita dos missionários, meus pais foram batizados. Até o último momento, mamãe ainda não cria que a Igreja fôsse verdadeira, mas acompanhou papai, para que, quando êle estivesse completamente envolvido com a Igreja, ela pudesse retornar à sua crença sem a sua interferência. Ao ser imersa na água, sentiu pela primeira vez a fôrça do Espírito Santo e arrependeu-se da sua incredulidade. Soube, então, que a Igreja era verdadeira.

A partir daquele momento, papai veio a saber o que realmente significa ser homem. Seu anterior desejo de mostrar-me o mundo dum lugar a outro mais divino: que seu filho fôsse um missionário e trouxesse outras pessoas ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Testifico que partilho do seu desejo.

Dois anos mais tarde, meu pai foi transferido, pela companhia para a qual trabalhava, para Vitória. Ficamos desapontados ao sabermos que lá ainda não havia nenhum ramo da Igreja. Durante três anos, sentimos tanto a ausência da influência da Igreja, que decidimos voltar ao Rio de Janeiro. Quando já havíamos feito as malas e estávamos prontos para sair, ao atender à porta minha irmã deparou com dois missionários que lhe perguntaram se Orlando Maia morava ali. "Poderia dizer-lhe que somos missionários da Igreja de Jesus Cristo e que o Presidente da Missão nos autorizou a abrirmos esta cidade ao trabalho missionário," pediram-lhe êles. Surprêsa, ela correu para dentro da casa, anunciando a boa nova. Minha mãe ficou feliz e maravilhada e todos nós nos pusemos a rir de alegria.

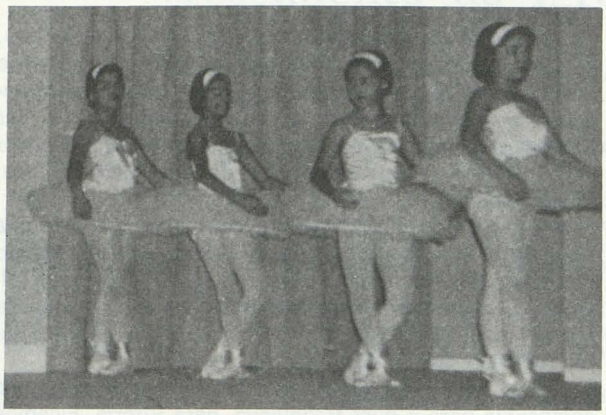
Mais tarde, meu pai foi chamado a presidir o nôvo ramo, tal como predissera o élder. "Esta experiência nos mostra que a Igreja não precisa de nós, nós é que precisamos dela," comentou êle. Em nossa família, sabemos com tôda certeza que Deus nunca nos dá problemas acima da nossa capacidade, pois quando não podíamos suportar a ausência da Igreja, o Senhor no-la trouxe por meio dos missionários.



A família Maia, tem hoje sua vida moldada no Evangelho

Uma Noite de Ballet
no Rio de Janeiro - MBN

Charles Gunn



Mais uma vez, a Igreja mostrou ao Rio de Janeiro que a "Igreja Mórmon" é uma organização atuante e dinâmica, preocupada não apenas com o bem-estar espiritual de seus membros, como também com seu desenvolvimento cultural. Isto foi conseguido pela apresentação de "Uma Noite de Ballet", a cargo dos ramos da Tijuca, Meier e Cascadura. O espetáculo foi apresentado diante de uma audiência de membros e amigos da Igreja que chegou a lotar o salão cultural.

O programa foi planejado e dirigido pela Srta. Maria Luiza Azevedo, cuja mãe é membro do Ramo da Tijuca. Esta excelente jovem é uma consumada bailarina, aluna do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Tem dedicado graciosamente seu tempo e talento dando aulas semanais de ballet às môças dos ramos locais.

O programa constou de diversos números de ballet, apresentados pelas jovens alunas de cada ramo. Maria Luísa também participou, executando diversos bailados em que mostrou sua graça e conhecimentos.

Missão Brasil Norte

"E indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus."

Mateus 10:7

(*) Não estão computadas neste gráfico as assinaturas de exemplares enviados pelo correio, o que será feito a partir do próximo mês.

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES Outubro	CONVERSÕES Total
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	438	164	20	12	1	68
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	270	107	13	8	3	23
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Jerald Roy	270	92	15	6	—	10
Distrito de Belo Horizonte	**R. Levindo Lopes, 214**	**Angelo B. Perillo**	**978**	**363**	**48**	**26**	**4**	**101**
Anápolis	(não há ramo)				11	4	—	—
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Luiz M. Barros	374	146	30	8	4	43
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Rodney Owens	202	79	27	8	1	73
Distrito de Brasília	**Av. W5, mod. 59, n.º 913**	**Wayde C. Stoker**	**576**	**225**	**68**	**20**	**5**	**116**
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Ovídio C. Vieira	460	132	24	22	20	116
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	408	135	2	14	—	26
Meier	R. Silva Telles, 99	Mário N. Campanella	270	106	21	6	7	60
Niterói	R. Miguel Couto, 413	Geraldo de J. S. e Silva	380	135	54	14	3	58
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Robert Lange	57	15	2	4	—	17
Petrópolis	R. Tereza, 52	Allen Butler	149	57	3	6	—	9
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	João Bonatti	127	49	9	2	3	3
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Rubens A. Galdo	402	140	63	14	1	63
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	91	20	13	4	—	9
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	83	20	10	—	—	—
Distrito do Rio de Janeiro	**R. Silva Telles, 99**	**João A. Dias Filho**	**2427**	**809**	**201**	**86**	**34**	**361**
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	84	21	10	4	1	22
Fortaleza	R. Barão de Aracatí, 786	Paige Jeffs	70	24	11	8	—	16
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	161	31	19	4	1	16
Maceió	R. Uruguai, 321	Dean Cleverly	51	15	9	4	1	8
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	447	152	32	12	2	48
Distrito de Pernambuco	**R. das Ninfas, 30**	**Alfredo F. T. de Miranda**	**813**	**243**	**81**	**32**	**5**	**110**
MISSÃO BRASIL NORTE	**R. Stefan Zweig, 158**	**HAL R. JOHNSON**	**4794**	**1640**	**398(*)**	**164**	**48**	**688**

É de conhecimento geral que a Igreja Mórmon só foi introduzida no Brasil no segundo quartel do século XX, data relativamente recente. Portanto, é interessante descobrir alguns pontos de contato entre o nosso país e os mórmons no século passado, quando éramos Império e a Igreja ainda praticava o casamento plural.

Dom Pedro na Cidade do Lago Salgado

Frederick G. Willians

De muito interêsse é a visita, em 1876, de Dom Pedro II a Utah e a cidade do Lago Salgado, a capital. O imperador viajara aos E.U.A., para participar na celebração do centenário americano (a primeira escala de sua viagem, que duraria dois anos). Em maio, Dom Pedro, junto com o Presidente Grant, acionou a alavanca que pôs em movimento a maquinaria da Exposição do Centenário em Filadélfia. Antes, porém, quis conhecer o país de perto, o que fêz viajando de trem de Nova Iorque a São Francisco. Nessa época, como hoje, o trem passa por Ogden e não pela capital, portanto, a visita a Lago Salgado requeria uma viagem especial.

O visitante real chegou à sede dos mórmons sábado, 22 de abril, às 20 horas, e foi imediatamente ao teatro **Salt Lake,** onde presenciou um programa do humorista Alfred Burnett. Seu camarote estava ornamentado com os pavilhões dos E.U.A. e do Brasil, e a orquestra entoou o Hino Nacional Brasileiro. No dia seguinte, visitou a Praça do Templo, onde ouviu o famoso órgão do tabernáculo, viu o alicerce do templo, então em construção, e adquiriu várias publicações da Igreja. Também visitou a "Savage Art Gallery", e lá comprou fotografias de Utah; assistiu à missa na igreja de Santa Maria Madalena e, depois de um rápido passeio pelo vale, assistiu a uma reunião sacramental da Igreja na 14.ª ala da cidade, ocasião em que falou o Apóstolo John Taylor. Pouco depois, tomou o trem de regresso a Ogden e continuou sua viagem para a Califórnia.

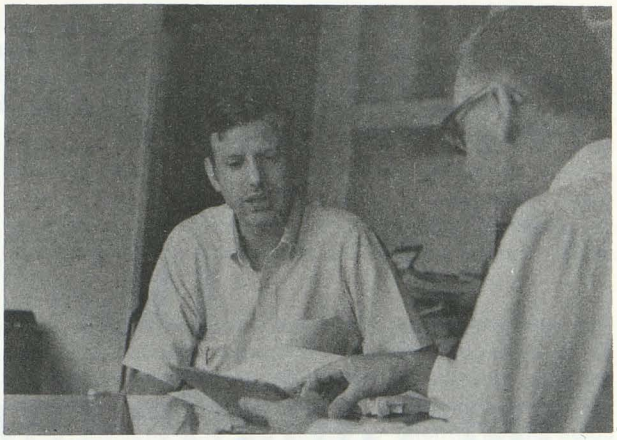
Dom Pedro manifestou suas impressões de Utah e dos habitantes posteriormente: admirara a grande obra dos mórmons, seu progresso no vale etc., mas, quanto à doutrina da Igreja, não entendia como o povo podia acreditar nas revelações de Joseph Smith e Brigham Young. Concluiu, profetizando, que a religião duraria pouco tempo. Antes de partir da cidade de Lago Salgado, dera mil dólares à missão católica em Utah.[1]



O Imperador Pedro II (In **Brasil Pitoresco, de Ribeyrolles. Bibl. Nac., Rio)**

(1) As imprensas norte-americana e brasileira tiveram representantes que acompanharam Dom Pedro durante tôda sua estada nos E.U.A. O jornal mais importante era o New York Herald, **que fêz cobertura da viagem, começando desde o Brasil, tendo, para isso enviado o jornalista James J. O'Kelly e construído um cabo submarino entre a América e o Brasil. Os artigos de O'Kelly, publicados quase diàriamente, foram colecionados e transcritos em língua portuguêsa por Argeu Guimarães, sob o título** Dom Pedro II nos Estados Unidos **(Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961). A viagem de Dom Pedro a Utah é assunto de um artigo por David L. Wood, publicado na** Utah Historical Quarterly, **volume 37, número 3 de 1969, pp. 337-352.**

Sousândrade



Pres. Camargo, examina manuscritos de Sousândrade, quando da visita do irmão Fred Willians ao CEB.

De grande interêsse é a obra de um poeta brasileiro do século XIX, Sousândrade (aglutinação feita por êle de seu nome de batismo: Joaquim de Souza Andrade), que está sendo redescoberto hoje, graças principalmente à obra dos poetas e críticos da poesia concreta, Augusto e Haroldo de Campos. Embora o grande romancista português Camilo Castelo Branco chamasse Sousândrade "o mais extremado, mais fantasista e erudito poeta do Brasil na atualidade," e o patriarca das letras peruanas, Ricardo Palma, tivesse colocado **O Guesa** (poema épico-dramático-narrativo de Sousândrade) entre as três obras que considerava o "ideal del americanismo leterario," o poeta foi completamente esquecido.

Sousândrade é um homem diferente. Maranhense, não vai a Coimbra para os estudos superiores, e sim, à França; não segue Direito ou Medicina, cursa Engenharia. Depois, vai morar nos E.U.A. (Nova Iorque, 1871), em vez da Europa. Ninguém fazia isso na época! É republicano convicto. De regresso ao Brasil em 1885, é nomeado o primeiro prefeito de São Luís do Maranhão, depois da proclamação da República; escreve a constituição do Estado, idealiza o desenho da bandeira maranhense; estabelece as primeiras escolas mistas, proíbe o trabalho aos domingos, estabelece a primeira rêde telefônica, e leciona Grego no Liceu, além de sempre trabalhar em sua poesia.

Importante na obra de Sousândrade é seu espírito original; cria neologismos surpreendentes, seu indianismo é "indigenista" (i.é., defende-os contra a exploração e crueldade dos brancos) e não idealizado como o de Gonçalves Dias, seu conterrâneo, e, nos poemas sôbre o escravo, supera e antecipa Castro Alves. Mas, o que hoje interessa mais em sua obra é o aspecto moderno, principalmente o brilhante episódio do "Inferno de Wall Street," indubitàvelmente a criação literária mais original da poesia brasileira do século XIX. Aqui, Sousândrade emprega técnicas que fazem dêle um verdadeiro precursor do vanguardismo universal. Enquanto os outros poetas elogiavam a grandeza dos E.U.A. na década do centenário, Sousândrade, que também admirava o progresso e a liberdade do país (assinalava os E.U.A. como modêlo para todos os países seguirem; para êle, era a esperança do futuro), aponta também os abusos sócio-econômicos que acompanharam o seu progresso. Ataca a corrupção presente na administração do Presidente Grant, critica a especulação financeira dos grandes milionários, e satiriza a hipocrisia em algumas práticas religiosas.

No episódio do "Inferno" tirado do canto X de **O Guesa** (o canto todo é sôbre os E.U.A.), Sousândrade menciona Brigham Young ou os mórmons em cinco das 176 estrofes. (Inclue também a Igreja Católica, o Papa e várias ordens religiosas, como também a Igreja Presbiteriana, a Unitária, a Episcopal etc., assim como os judeus, budistas, maometanos etc.). Talvez a estrofe mais interessante a respeito dos mórmons seja a seguinte:

(DUQUE ALEXIS recebendo **freeloves** missivas; BRIGHAM:)

— De quantas cabeças se forma

Um grande rebanho mormão?

— De ovelha bonita,
levita,

Por vêzes s'inverte a equação.

O Grão Duque Alexis da Rússia veio aos E.U.A. para celebrar o centenário, e teria recebido várias propostas de casamento pelo correio. Sousândrade justapõe Brigham Young, perguntando pelo tamanho de uma família mórmon. A resposta é uma alusão irônica à sua décima-segunda espôsa, Ann Eliza Weeb Young, que, a fim de embaraçar o líder e a Igreja, segue as instruções do partido anti-mórmon, e começa um processo de divórcio contra o profeta em 1873, causando não pouca sensação no país todo. É interessante notar que o Presidente Young hàbilmente se defendeu por um detalhe técnico-legal; disse que, de acôrdo com as leis do país, seu matrimônio com Ann não era válido, pois era casamento plural, portanto não poderia haver divórcio, nem teria de pagar os 200 mil dólares de sustento que ela pedia. Acrescentou que, se o juiz quisesse reconhecer o casamento, isto é, declará-lo válido (e com êste legalizaria todos os casamentos plurais da Igreja), êle teria muito prazer em consentir no divórcio.

Frederick G. Willians, ex-missionário da Igreja no Brasil de 1960 a 1963, excelente pianista e atualmente diretor do Instituto de Religião SUD da Universidade de Wisconsin, é licenciado em literatura luso-brasileira pela mesma instituição.



Bater nas portas tornou-se um trabalho, alegre e cheio de surprêsas.



As jovens cariocas, adequadamente treinadas, auxiliaram no sucesso do programa.

Férias Dedicadas ao Senhor

Charles Gunn

As frases: "Foi uma experiência maravilhosa" e "simplesmente gostei de ser missionária", descreve o efeito da "missão de férias" nos que dela participaram. Durante três semanas, durante o mês de julho passado, em que o programa funcionou no Distrito do Rio de Janeiro, oito môças dos ramos de Tijuca, Meier, Jardim Botânico, Petrópolis, Teresópolis e Niterói foram selecionadas e chamadas pelos seus presidentes de ramo para trabalharem em outros ramos, que não os seus de origem, como missionárias. Durante as três semanas de duração do programa, a veracidade do Evangelho foi manifestada pela gratidão e devotamento com que cada môça tratou seu chamado missionário e sua filiação à Igreja. Amizades duradouras desenvolveram-se entre elas e suas companheiras de tempo integral, através da alegria de poderem, juntas, pregarem o Evangelho. "Tivemos a oportunidade de conhecer os problemas dos membros e investigadores, ajudando-os a resolvê-los", comentou uma das môças. Outra exprimiu assim seu contentamento: "Creio que esta missão foi mais importante para mim como pessoa do que para o próprio trabalho missionário. A coisa de que mais gostei foi o testemunho da veracidade do Evangelho que desenvolvi".

Em Belo Horizonte tantos foram os jovens que responderam ao chamado, que os missionários de tempo integral dividiram o seu tempo em períodos de uma semana, para dar a um maior número dêles a oportunidade de servirem. A estima que cada jovem obteve pela obra do Senhor durante sua missão foi muito animadora para os participantes, suas famílias e seus ramos, quando, no final de sua missão, cada um dêles relatou à congregação suas experiências e as bênçãos alcançadas.

Todos queriam continuar dedicando-se à obra missionária e seu desejo resultou na formação de um **comitê missionário da juventude** em Belo Horizonte, para correlacionar as atividades com os missionários e ajudar a treinar os outros membros e orientá-los para o trabalho missionário.

O efeito da missão de férias não pode ser subestimado. Os missionários de tempo integral foram verdadeiramente motivados pelo forte desejo dos membros de encontrarem os eleitos do Senhor e rejubilaram-se com seu entusiasmo em falar às pessoas. É especialmente importante o fato de que êstes jovens, que obtiveram testemunhos tão fortes e experiências espirituais tão belas, serão procurados nos anos futuros para promoverem a obra do Senhor nesta missão. "Sei que êste programa é inspirado," comentou-se, "tudo o que veio dêle era bom e frutificará por incontáveis anos".

Resisti e guardei-vos para os dias de felicidade

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Existe uma breve frase de Virgílio que diz: "Resisti e guardai-vos para os dias de felicidade." Há épocas em que achamos não mais poder resistir — que não nos será possível enfrentar o que nos aguarda; que não podemos viver com os desapontamentos, os problemas, que não somos capazes de carregar o pesado fardo. Tais tempos, porém, vêm e se vão; assim como nossa resistência, coragem e circunstâncias se movem em ciclos — altos e baixos, altos e baixos, — nas épocas de maré baixa, é preciso resistir, perseverar até que as sombras se aclarem, o fardo se torne mais leve. "Ninguém conseguiria suportar a adversidade," disse Sêneca, "se, enquanto perdurar, conservasse a mesma violência dos primeiros golpes..." As pessoas, freqüentemente, emitem um ultimato, dizendo que não podem ou não querem suportar isto ou aquilo — nem um minuto mais. "Para mim, bastou. Vou desistir!" Tais momentos poderiam ser comparados a um interruptor de circuito ou fusível, que se inutilizam quando sobrecarregados. Às vêzes, chegamos a imaginar se conseguiremos resistir, mas possuímos em nós dispositivos de segurança, e acabamos descobrindo que a alma humana — o espírito, o corpo e a mente do homem — são elásticos. Em todos nós existe mais resistência inerente do que podemos supor. E aquilo que certa vez afirmamos não poder fazer, ou agüentar, ou carregar, vemo-nos fazendo e suportando de alguma forma, à medida que o tempo, a reavaliação, o reajustamento e, às vêzes, a pura necessidade modificam nosso senso de valôres e atitudes, fazendo com que encontremos fôrça, persistência e recursos ocultos dentro de nós. "A vida é real! A vida é severa!" como disse o poeta, e enfrentar os fatos e adaptar-se à vida nem sempre é fácil. Mas, antes de desistir, devemos considerar sèriamente o que estamos para abandonar e aonde iremos. "A frigideira para o fogo" é um velho adágio muito significativo. Bem, eis a lição — parar, reavaliar, dar tempo para que retorne a esperança, a fé, a fôrça, lembrando-se do que disse Sólon: "Se todos os homens juntassem suas desgraças num único lugar, a maioria dêles teria prazer... em levar para casa... aquela que trouxe." "Resisti e guardai-vos para os dias de felicidade."

1 MAR 1971